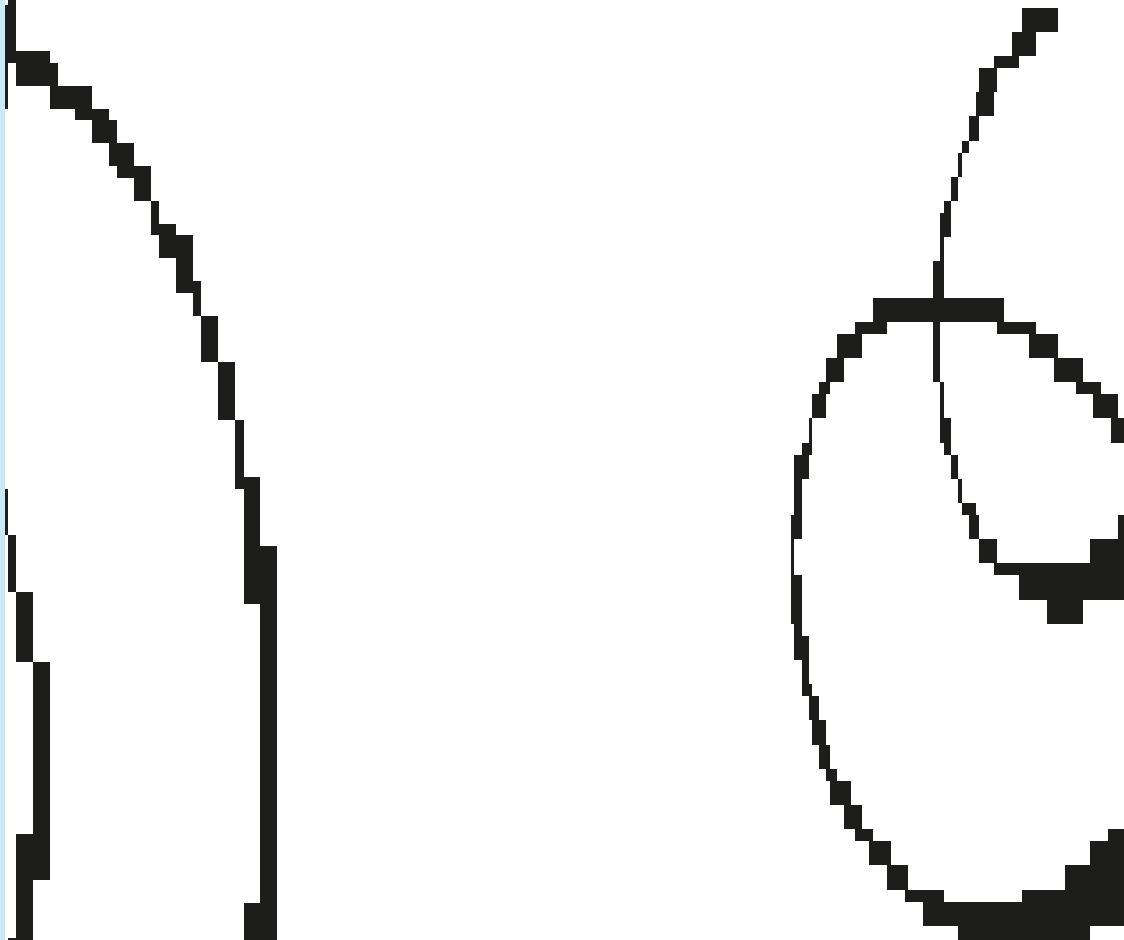
Rui Resende

de grau em grau

Rui Resende

de Pegrau em Pegrau

De Degrau em Degrau 11
Conversas 23
Orlando the Drag King 25
Roberta Kinsky 37
Allan Lynn 47
Mango Green 53
PUN(C)TO 61
Lista de Figuras 75



Judy Garland dá voz e corpo a uma ferida que de outro modo não se ouve

e não se vê:

é a ferida daqueles que
foram tocados pelo dedo de fogo



do estigma,
forma suprema

do desamor
de que
a perda
e
o abandono
do objecto

amado
são tão-só

a expressão
pessoalizada

Cascais, A. F. (2014). O ano de todas as datas. *In Cinema e Cultura Queer.* Lisboa: Associação Cultural Janela Indiscreta.


1

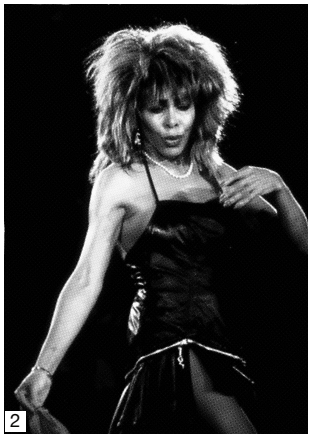
Tal como acontece a muitas pessoas queer, desde cedo, que certas "vozes no feminino" exerceram em mim uma fascinação. Fosse pela força interpretativa das suas vozes, ou pelas coreografias e/ou figurinos escolhidos, o repertório musical de determinadas artistas acompanhou-me desde o fim da primeira infância até à puberdade– uma "assombração" de divas, descobertas nas horas de televisão que consumia, na música que me chegava, nas investigações obsessivas que o acesso à internet permitia.

Algures na escola primária, numa fase de "historiador" do Festival da Canção pela qual passei, propaguei de forma incessante a necessidade urgente de todas as pessoas à minha volta estarem conscientes do quão extraordinária era a voz, e interpretações, de Simone de Oliveira. As suas duas performances vencedoras do Festival da Canção, "Sol de Inverno", em 1965, e "Desfolhada Portuguesa", em 1969, tornaram-se a banda sonora, em loop, desses anos formativos. Ao ponto de um dia tentar, e conseguir, ensinar a letra da "Desfolhada" a uma colega de turma, pedindo-lhe para mexer os lábios (fazer um *lip sync*) e gesticular dramaticamente, enquanto eu, atrás dela, cantava a

música do início ao fim. Encenar um *lip sync* no recreio escolar, para além de obviamente centrar as atenções, arrasta alguém pouco ou nada consciente da sua identidade para um conjunto de consequências difíceis de gerir. Porque é sobre isto: embora eu não tivesse, ainda, a perceção da minha própria identidade, quem me rodeava sabia o que o fascínio pela canção pop, pela interpretação no feminino, podia significar, ou, pelo menos, indicar. Os adultos, antes demais, sabiam-no. Sabem-no. E a tendência, nesse pesado confronto com esta(s) diferença(s), é ignorar, neutralizar, essa mesma "diferença": a da criança queer—e como é comum em inúmeras histórias e experiências, passamos muitas vezes disto para a rejeição e violência, para o isolamento e *bullying*. Numa tentativa de despersonalização desta situação da minha infância, surgem-me várias questões: porquê a "Desfolhada"? porquê esconder-me atrás da minha amiga? porquê as orientações, de gestualidade e interpretação, tão concretas?

A criança queer é identificada (e rotulada, quase sempre, sem o saber ainda, sem o autorreconhecimento identitário que lhe é devido) e colocada sob um holofote—e, infelizmente, não o é no sentido teatral ou cinematográfico do termo. Na sua procura por apreciação, por reconhecimento da sua expressão interpretativa (quando a tem, ou lhe é permitido ter), muitas vezes encontra reações queerfóbicas, mais ou menos explícitas, principalmente dos homens (cis, heterossexuais) presentes nas suas esferas sociais. No meu caso, a minha exuberância *naive*, ou a minha "sensibilidade", foi recebida com expressões como "florzinha de estufa", "vidrinho de cheiro", "mariquinhas pé de salsa", e perguntas com rasteira, como "tu abafas a palhinha?". Sob um manto de humor que tudo permite, estas expressões

atuaram em mim com uma violência que apenas mais tarde consciencializei—"paneleiro" e outros insultos, surgiram depois, na adolescência, entre pares, e pelo menos tinham a vantagem de ser diretos, de explicitamente ofender-me ou amedrontar-me. Quase sempre utilizadas por adultos, ora na desvalorização de uma birra de criança, ora no rescaldo de um momento interpretativo (considerado efeminado, teatral), criaram e reproduziram em mim, cumulativamente, inseguranças, ansiedades, silêncios.


2

Como é natural num processo de trauma, suprimi as várias repercussões destas interações. E por isso mesmo, a voz de certas cantoras, a filmografia de certas atrizes funcionou como um oásis num deserto solitário; um *band-aid* na espontaneidade que tive de sacrificar, ao longo de meu crescimento, para evitar pequenas humilhações e constrangimentos. As canções de Madonna, Tina Turner[2], Celine Dion, Rita Lee, e tantas outras, tranquilizaram a vergonha que sentia na expressão da minha "feminilidade"—o impacto e influência que tiveram no processo de descoberta da minha identidade queer, à época, era por mim desconhecido. As suas performances foram um escudo para as dúvidas que socialmente semearam em mim; um reforço de autoestima, um *awakening* da minha *fairy* interior—que, felizmente, derramou pós de fada suficientes para que conseguisse resistir, e ser funcional, às vozes do machismo e homofobia estrutural que me rodeavam.

O desejo em querer ser "o centro das atenções" na infância—ser o centro da atenção dos adultos, da família e pessoas mais velhas próximas, no meu caso (as outras crianças,

minhas contemporâneas, nunca foram propriamente o meu auditório)—, misturou-se com a vontade, inocente, de expressar aquilo que hoje interpreto como uma performatividade queer. Sem o saber, ainda, as escolhas musicais e filmográficas, as proposições artísticas que mais me agradavam, eram, na essência, queer. Vividas, é preciso dizê-lo (por ser também muito comum), de forma solitária: uma vez que essas referências eram acumuladas, quase sempre, no borbulhar de ânsias e expectativas do meu quarto. Esta necessidade de performar e procurar a expressão de uma teatralidade, de uma estética *camp*, inexplicavelmente libertadora, reporta-me para um evento da minha infância, gravado na minha memória por um conjunto alargado de razões.


3

Numas mini férias de Inverno, na serra da Lousã, em casa de uns amigos dos meus pais, aquilo que começou por ser uma game night[3] regada a álcool—lembro-me dos tabuleiros dos jogos tremerem em cima da toalha de mesa manchada pelos restos do jantar e de vinho—culminou numa experiência muito próxima de uma epifania. Um dos vários adultos presentes naquele jantar era a Luisinha: uma senhora nos seus 70 anos, um espírito jovem e castiço: a alma da(quela) festa. Esta amiga dos amigos dos meus pais, por razões "desconhecidas", engraçou comigo. Em retrospectiva, num enorme esforço de memória, reconheço que esta afeição não foi tão aleatória assim.

Através do olhar, a Luisinha fez-me um sinal e chamou-me à parte. Em sussurros discretos, pediu-me que subisse com ela até ao andar de cima, onde ficavam os quartos—desorganizados, atolados de malas de viagem e colchões de encher pelo chão. Enquanto subia a escadaria que fazia ligação entre os vários pisos daquela velha casa, senti uma ansiedade que me dizia "o que disse eu desta vez?", "terei sido *too much*?". Já num dos quartos, de porta fechada, esta senhora, uma figura passageira na minha vida, fez-me a proposta indecente: "montar" uma atuação para animar as *hostes*. Fazer uma descida triunfal pelas escadas, cantando e performando uma canção que ambos conhecêssemos. A seleção musical perdeu-se nos corredores apertados da memória, mas ficou a adrenalina de todo o secretismo, a ânsia de surpreender e entreter aquelas pessoas, e o processo de seleção do *look*, concretizado no vasculhar apressado de gavetas, no abrir frenético de portas de armários. A Luisinha tomou a decisão de me colocar um vestidinho, um colar vistoso e pintar-me os lábios com batom, algo que ela intuiu ser do meu agrado. Já montado, o momento de surpreender o público aproximava-se. E aí, fui tomado por um *mix* de sensações: da vergonha ao entusiasmo, porque apesar de ser uma criança teatral, a escolha arrojada de vestuário, e caracterização, causou-me dúvidas, levantou questões dentro mim até então dormentes. Não seria aquilo tudo um pouco demais? Um vestido, demais? O vermelho do batom demasiado vermelho?

Ainda assim, o *show* foi um sucesso. Não sei se por força do álcool ingerido—de notar que alguns dos presentes foram os precursores das primeiras "piadas" que tinham como alvo de chacota a minha sensibilidade, a minha teatralidade queer— ou porque de facto há algo de, historicamente, apelativo e cómico num número teatral que inclui, seja de que forma, *cross-dressing*.

Retenho a felicidade de descer os degraus e o meu corpo se vestir de possibilidades. A felicidade de canalizar a magia dos ícones que conhecia até aquele momento: das vilãs dos desenhos animados que via, horas a fio, na televisão, às vocalistas do meu—e dos meus pais—reportório musical. E já que os menciono, não é que eles (os meus pais) não permitissem que me expressasse livremente—privilégio(s)—, no entanto, foi através de um gesto divertido, empático, que a oportunidade para ser flagrantemente *over the top*, para ser outro/a/e, surgiu. Da confiança numa estranha, na Luisinha. E quando te apresentam essa oportunidade, te abrem essa porta, dificilmente regressas ao recreio escolar, a casa—e depois desta viagem, ao Porto—da mesma forma.

A vontade, ou o impulso, de performar oscilou constantemente. Penso que esse desequilíbrio se justifica pela autocensura que praticava com regularidade, sobretudo em público: quando o "não te salientes" era o mote diário dentro da minha cabeça; quando o saber a resposta durante uma aula, e levantar o braço depressa demais, te torna o "menino da professora". E foi, é, por isto mesmo que certos quartos, sótãos, espelhos de casa de banho—sobretudo nos momentos em que ninguém está em casa—se tornam o único refúgio possível; se tornam o melhor, e mais redentor, dos palcos—porque neles não impera a necessidade de performar uma masculinidade "padrão", socialmente esperada e apreciada. São espaços privados, catalisadores de potencialidades infindáveis, onde o silêncio dos aplausos reverbera. Maiores e mais poderosos que um Carnegie Hall ou um Wembley Stadium, dada a energia salvífica que emanam. Palcos onde tudo já ocorreu, onde púberes Marias Callas[4], ou Mariahs Carey, tentarem que um pé 41 coubesse num salto alto


4

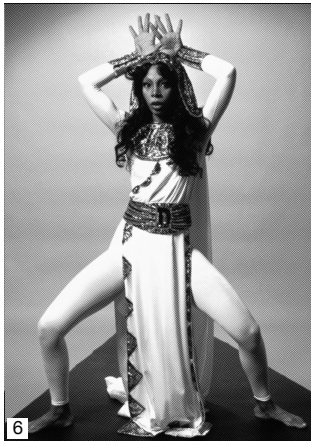
38, de toalhões de banho fizeram arrasadores vestidos de gala (prontos para qualquer *red carpet*), de *papier mâché* fizeram máscaras à Carnaval de Veneza.

Aconteceu-me—privilégio(s), novamente—encontrar amigas com quem criei outros palcos. Algures no ensino secundário, uma grupeta de "degeneradas" tornou-se a minha família escolhida. Os entrosamentos musicais e fílmicos, em várias *listening/viewing partys*, as primeiras saídas à noite, onde os "espíritos" permitem certas liberdades de expressão e comportamento, foram-me acrescentando significados—verdadeiros momentos de criatividade e companheirismo que me permitiram coletar novas referências, e, ao mesmo tempo, ter um vislumbre de que podia ser menos só; de que a repressão (auto?) infligida sobre a minha *queerness*, vontade performática e teatralidade, não tinha de continuar tão intensa, tão asfixiante. Juntas (eu e as minhas amigas, *partners in crime)*, procuramos escapar da heteronormatividade, e masculinidade hegemónica, que nos rodeava: fosse no quarto onde nos fechávamos a ver *RuPaul Drag Race*, fosse nas primeiras saídas à noite.


5

Para quem vivia a sua alteridade na periferia, sair à noite no Porto era o "evento" do mês, e portanto, a seleção de espaços/festas não poderia ser menos importante: a Thug Unicorn, a Kiki, a Groove Ball[5] circa 2015 eram um fogo de artifício que queimava nos céus da nossa adolescência;

o destino final de um movimento pendular de celebração das nossas identidades. Os lugares em que decorreram—spots de peregrinação de uma geração LGBTQIA+ da cidade, e arredores (no Gare, Armazém do Chá, Maus Hábitos, etc.)—, enchiam-se de uma energia de diversão revolucionária; da vontade de, por uma noite, ser-se absolutamente livre na expressão de um desejo-sexo-género fora da norma. E tudo nisto me seduziu: do pré-festa nas ruas ao contacto da pele suada glittada com a pele suada glittada, da fila para o bengaleiro às saídas cambaleantes às 6h da manhã (*Last Dance*, Donna Summer[6]). Mas o grande *appeal*, aquilo que mais ressoou dentro de mim, foi assistir às diferentes drag perfomers que se encontravam nestas festas: fosse a dançar, a fazer um *lip sync*, ou um *stand-up act*, o meu olhar prendia-se, inevitavelmente, nelas. O confronto com a sua presença, às vezes mais outras menos "presente", naqueles espaços—e muito diferente da experiência de um ecrã, do entretenimento televisivo *drag* que acontecia—disparou um alarme na minha vida. Validaram e apaziguaram, em 4/5 horas de festa(s), em chãos pegajosos e atmosferas fumarentas, o meu "eu menino", aquela criança com uma imaginação maior que o corpo. Aquela criança que parava de fazer o que quer que estivesse a fazer para ver a avó calçar os saltos altos antes de sair à rua: pretos, bicudos, brilhantes.


6

Foi enquanto espectador de performances drag que entrei em contacto com a minha feminilidade de forma mais aberta, mais "resolvida". Esta espécie de apaziguamento, temporalmente, coincidiu com o meu *coming out* para o círculo de amigos alargado (a família próxima veio um pouco

mais tarde), com o afastamento da periferia onde cresci, as escolas onde estudei, para o centro do Porto, para a faculdade—e um pouco mais tarde, com a minha entrada no TUP—Teatro Universitário do Porto. E progressivamente, através de peregrinações esporádicas aos os clubes noturnos desta cidade—o Zoom, o Lusitano, e mais tarde, o Invictus, o Bar of Soap—, fui definindo os "centros" das minhas aspirações artísticas, das mais adormecidas às mais despertas. Neste processo, nesta narrativa de *coming of age*, em que as oportunidades para performar, estudar e "ser" se foram interseccionando, decidi que as minhas investigações (artísticas e/ou académicas) estariam lado a lado (conceptual e formalmente) com as várias interseções que a performance drag encerra sobre si. Drag como uma interseção de performances, de políticas/ativismos (historicamente na linha da frente das primeiras lutas pelos direitos LGBTQIA+), de estéticas. Os contextos drag do Porto, e seus intervenientes, como um repositório de memórias, de vivências—dispersas, esquecidas—, como um dispositivo de celebração, de visibilidade.

Esta publicação reúne conversas com quatro performers drag, a performar em 2023: Allan Lynn, Mango Green, Orlando The Drag King e Roberta Kinsky. Roberta monta-se há mais de 30 anos, Orlando desde 2019; Allan é de Coimbra, Mango de Belém, no Brasil (mas vive em Braga). Todes performam no Porto, na sua noite sobretudo. Uma noite que viu abrir e fechar espaços noturnos, e com eles momentos de diversão, de engate, de resistência… Locais de encontro. Nas conversas, em drag ou fora de drag, em pessoa ou em videochamada, falamos das suas trajetórias artísticas, dos seus "eus" drag, de escolhas, de públicos, de cultura e representação (queer). A transcrição dos seus testemunhos, aqui compilada,

tenta colocar um *highlight* na construção de um discurso de queens e kings, da vida portuense, a atual e a que já não existe, num sistema aberto de relações entre diferentes artistas drag: do pós 25 de abril, no Colibri, a 2023, no Bar of Soap.

As diferentes motivações, contextos e histórias destes drag performers, na cidade do Porto, pretende ser o foco deste objeto, concretizado na transcrição das conversas que tivemos—resultado de uma urgência pessoal de registo, e, ao mesmo tempo, de um gesto de retribuição: pelo autoreconhecimento identitário (precocemente roubado), pelos *triggers* criativos, pelos momentos de diversão e escapismo. Pelo brilho, quando mais necessitei dele. Na camada mais biográfica desta publicação, a ideia de "retribuição" está também presente: as "vozes no feminino", isto é, a minha "seleção" pessoal de ícones pop e as mulheres à minha volta que empatizaram com a minha identidade queer são, de certa forma, *unsung heroes*. Tento agradecer-lhes, fazendo das minhas intenções artísticas, uma *femenagem*: das divas de *Old Hollywood* à minha mãe, das intérpretes da canção popular portuguesa à Luisinha - cujo filho único, solteiro, em mexericos sussurados (nas suas costas), se dizia ser homossexual. Tento-o desde o recreio escolar, ou das escadas de uma casa em festa, até a *PUN(C)TO*[7], com o TUP – Teatro Universitário do Porto: uma performance, de 2022, onde, num tímido *baby* drag, celebrei aquelas que cantando, ou mexendo os lábios, nos libertaram.



7



Conversas



Orlando the Drag King

16/02/2023
[45m21s]

Bar of Soap, Porto

Como é que nasceu o Orlando The Drag King? Como surgiu a escolha do nome?

Nasceu porque era algo que eu tinha muita vontade de fazer. Crescendo, eu vi algumas séries ou filmes que tinham personagens mais *gender bender* e sempre achei isso uma coisa interessante. E quando descobri que existiam *drag kings*, achei algo interessante, mas não achava que era algo que eu teria coragem de fazer um dia.

Depois, logo antes de me mudar para cá, lá no Rio, conheci pessoas que trabalhavam com drag e fiz amigos nessa área, que me estimularam e encorajaram mais. Quando você está totalmente sozinho é mais difícil você começar, ainda para mais sendo uma pessoa mais tímida… Quando você tem amigos que te dão uma força assim, uma *house drag*, ajuda bastante.

Um sentimento de família…

E foi via essas amizades e encorajamentos que eu comecei a testar e a fazer algumas maquilhagens em casa. Foi uma coisa bem gradual… Tem artistas que estão a começar e já estão no palco *(risos)*. Eu comecei fazendo a maquilhagem, fiz algumas vezes, depois me convenceram a fazer um *Instagram*, e eu fiz, fiquei um tempo só fazendo lá: pensava nos conceitos, tirava as fotos. Depois passei a sair na rua, aqui em Portugal—eu comecei a montar-me aqui mesmo.
E como tinha um amigo que ia fazer drag queen, a gente já saía montado. E saímos só por sair mesmo, não fazíamos performance. Saímos nas baladas, para o Zoom e assim, só para estar em drag.
Na verdade, só em 2022 é que eu comecei a fazer performance mais regularmente—quando conheci o pessoal dos Kings of Kitéria, e foi/foram mais uma rede de apoio. E então a gente começou a fazer números.

E tudo em 2022?

Sim, essa parte de atuar no palco, é relativamente recente.

A parte do “personagem” [Orlando] é anterior.

E para a “personagem”: quais as referências visuais, artísticas…?

São referências que eu sempre gostei, desde a minha infância/adolescência. Crescendo, gostava muito de uma estética meio gótica, tipo Família Adams, filmes de vampiro…

São referências bastante comuns em algumas estéticas drag. Esse mundo muito gótico, de fantasia…

É. Nos anos 90, quando era criancinha, era uma estética bem popular: Beetlejuice, Família Adams, várias dessas coisas assim mais fúnebres *(risos)*, Tim Burton, e assim…

Coisas bem sombrias, muito extravagantes e exageradas em termos visuais, na caracterização…

Sim, e eu sempre gostei muito disso, sei lá… Crescendo, eu continuei gostando bastante dessa estética, e quando eu fui fazer drag [a estética da “personagem”], não foi uma coisa consciente, tipo “eu vou fazer isso”, saiu aquilo… E isso é interessante…

Do teu património de referências, da cultura pop que consumias?

Exatamente.

E nos números, que começaste em 2022, em particular: com a seleção de músicas, props, elementos no espaço de apresentação… Seguem esse conjunto de referências?

Depende um pouco. Por exemplo, se tem uma festa temática, então, eu vou fazer um número que vai seguir aquele tema mas que seja, ao mesmo tempo, a minha interpretação daquilo também.

Um “filtro” Orlando…

Exato, eu nunca vou fazer uma coisa super tons pastéis *(risos)*. Não é muito a minha estética. Então mesmo quando eu faço músicas muito pop, muito animadas, ainda tem um pouco de comédia, desse veia mais *(pausa)*…

Wuthering Heights?

(risos) Sim. Mas sim, em termos de props: eu gosto bastante de usá-los; e de ter figurantes, e elementos do teatro. Tem o *lip sync*, mas eu gosto que o número conte uma história, tenha uma narrativa: um início, um meio e um fim. Até porque quando eu assisto números, pessoalmente, acho que entretém mais quando tem coisas acontecendo assim— eu acho o *lip sync* super interessante, mas prefiro quando tem história, coisa acontece, drama…

Fazes nos teus números aquilo que, enquanto espetedor, te estimula também…

Sim, o que me interessa.

E antes dos números, do drag, já tinhas tido contacto com palcos, experiência performativa prévia?

Tem pessoas que são do teatro, eu não. Nunca tinha subido num palco antes. Tinha pavor de apresentar trabalho… E não sei porquê, decidi que fazer drag era uma boa ideia *(risos)*.

E sobre essa coisa de ser uma pessoa tímida, é engraçado, estava até falando com outres performers sobre isso: quando você é uma pessoa tímida já é tão assustado o tempo todo, que, subir num palco, não é tão aterrorizante assim… Porque tudo já te aterroriza mais.

Enquanto uma “pessoa normal”, num palco, fica “meu deus, eu estou com medo, eu estou nervoso!”. Para a gente [as pessoas tímidas], a gente tem medo de estar nervoso o tempo inteiro *(risos)*.

A ansiedade diária é a mesma.

Mas isso é interessante: como em drag, ou no palco, se canaliza uma energia de extra confiança. E também é possível, do que já li/pesquisei, associar essa confiança excessiva com uma (hiper)masculinidade que pode ter interesse performático para drag kings.

É, tem justamente isso. No início, eu achava um pouco difícil separar: eu subia no palco e sentia que era “eu” ainda, ainda tinha vergonha de fazer algumas coisas. Mas depois vendo os vídeos, e ouvindo o *feedback*, eu fiquei “se eu fizer tal coisa, vai ficar visualmente melhor”— passei a ver de uma fonte mais externa. “Se eu fizer mais contacto visual, se eu interagir mais com as pessoas”, e aí meio que dá para você sair um pouco da sua própria pele, e viver ali naquela cena.

Naqueles minutos em que dura a música, o número.

É, e quando acaba eu volto como instantaneamente “ao normal”, quero me esconder *(risos)*.

Não levas a “personagem” para casa…?

Não, ela dura enquanto dura a cena. De repente desmonta, sai total *(risos)*.

No Porto, para além do Bar of Soap, em que outros espaços já te apresentaste?

Nos Maus Hábitos (na primeira edição da VHS)... No The View, na festa da Xota. Fora daqui, fiz uma em Manchester (Inglaterra) e no Rio de Janeiro (Brasil). Mas no Porto, o foco é mesmo no Bar of Soap… Casa *(risos)*. Estava a esquecer-me: performei no Pride Marcha LGBTQ+ também.

Isto reporta-me para como vês o Porto nas questões de acolhimento do drag enquanto uma prática artística, em geral; e no interior dos espaços, mais antigos, em específico, em que existe já um histórico de drag. Acho que isto também se pode prender com a construção de *safe spaces* necessários para esta arte se desenvolver…

A questão dos safe spaces era uma coisa que eu sentia bastante falta.

E também acho que acolhimento drag não é uma coisa que tem muito aqui… É muito fechado, tem meio que umas panelinhas: tem as específicas que trabalham no lugar x, e é muito difícil você entrar, se entrosar. Aqui, nas nossas festas [Bar of Soap], a gente sempre tenta ter *open calls* para pessoas que querem fazer drag terem um espaço. Um espaço para *baby drags*, para uma pessoa que nunca teve um palco para se estrear: a gente tenta acolher as pessoas porque realmente não tem assim um lugar [no Porto]…

Para a experimentação…

E às vezes as pessoas têm muita vontade fazer e não tem onde começar, aqui, realmente, não tem esse tipo de espaço. E no Rio era uma coisa bem normal: existem várias festas com mais abertura para outras performances, concursos de drag para pessoas que estão começando… Os meus primeiros números, também por isso, foram no Rio e esse de Manchester…

E só depois veio o Porto?

Exato, eu vivo aqui desde 2018, mas em 2019 fui ao Brasil e me apresentei lá. E em 2020, logo antes da pandemia, eu me apresentei na Inglaterra e assim que eu voltei fechou tudo.

Até 2022…

Entretanto fiz bastante coisa *online*. Foi bem interessante porque permitiu trabalhar com pessoas de todos os países. E só quando reabriu tudo é que eu falei “vamos lá procurar aqui no Porto” *(risos)*. Mas esse período *online* foi muito interessante—é bem diferente, na verdade… Mas foi bom porque deu para ver outros artistas, ter acesso ao que todo o mundo estava fazendo, o compartilhamento. Aqui, no Porto, como é que eu veria outros drag kings? Não tinha…

Mesmo agora, sem pandemia, é difícil ver drag kings com regularidade nas programações dos espaços que acolhem drag…

Aqui, no Bar of Soap, a gente está fazendo. Uma vez ao mês, a gente faz uma festa que tem sempre drag kings, drag queens, drag queers, drag monsters, drags diversas… Tentar ter pelo menos, uma vez ao mês, esse espaço. Até porque às vezes vêm pessoas de outras cidades e ficam “ai a gente queria ver drag kings, onde tem?”, e eu falo “não tem”…

É preciso teres a sorte da tua estadia coincidir com esta festa mensal. É difícil… E para além da frequência, voltamos à questão dos espaços cá na cidade: performances de drag, nesse sentido performático, numa “rotina” semanal, concentram-se aqui e em poucos outros sítios…

Tem poucos… Semanalmente

não há muito "drag de performance". Tem aquilo que se chama de gogo drag, tipo animação de festa. De números mesmo, tem...

O Invictus.

Só o Invictus, e de vez em quando no Lusitano. E é só, realmente…

E nesses sítios, presumo, coloca-se a questão do entrosamento dificultado de que falavas.

Sim. E, em geral, as drags e o público são um pouco mais velhos.

Há uma questão geracional, sim…

E são espaços também um pouco mais focados no masculino… Uma coisa um pouco mais falocêntrica. Com as gerações mais novas é um pouco diferente…

Sim, eu já li algumas entrevistas de algumas drags mais velhas, no contexto do Porto, que frisam a questão de que o público-alvo do seu trabalho, nos espaços que acolhem transformismo, não é exclusivamente o LGBTQ+: é para toda a gente. Existe, por parte dessa geração, a necessidade de ressalvar que esta arte é abrangente (e ainda bem) e não apenas algo de/para um nicho da comunidade LGBTQ+. É curioso…

É curioso, sim, porque eu sinto que com as drags mais jovens é o oposto… Quanto mais público LGBTQ+, melhor *(risos)*. Se tiver algum hetero, tudo bem, se estiver se comportando *(risos)*…

Um aliado, calmo *(risos)*.

Para mim, quanto mais queer o espaço, mais seguro vai ser…

Sensação de "estou em casa"?

Sim.

Voltando aqui ao Bar of Soap e às dinamizações mensais do coletivo [Kings of] Kitéria…

Nós começamos com um grupo de estudos de drag king, um conjunto de pessoas interessadas em aprender mais sobre a arte e, justamente, porque não tinha muito aqui em Portugal. Juntámo-nos e começamos por uma pesquisa pela história, pelo que cada um sabia mais, e cada um começou trazendo coisas: eu fiz um workshop de maquilhagem, outra pessoa fez outra coisa… Fomos nos juntando. E tinha uma das pessoas que é quem produz as festas da Xota, então, ela tinha contactos e foi ela que conseguiu essa parte de conseguir *show* para a gente— ela tinha bastante experiência no circo, no teatro. No início, a gente ensaiava os números todo mundo junto… Ainda tentamos fazer isso hoje em dia porque permite trocar *feedback* com outras pessoas: uma pessoa que tem um entendimento melhor de cena, vai falar "olha, se você nessa hora fizesse um gesto assim em vez de assado, vai ficar melhor…"

E mantém esse sistema de ensaio em conjunto?

Esse ano a gente acabou não conseguindo, mas queremos voltar… O Bar [of Soap] é ótimo também porque sempre se disponibiliza e estão abertos para a gente usar o espaço para ensaiar. E é muito bom ouvir o que outros artistas têm a dizer.

Porque cada um terá mais a sua valência, seja das artes plásticas, das artes cênicas, ou, simplesmente, sensibilidade…

Exato. Todos os números que a gente faz ouvindo o *feedback* dos outros, sempre acabam ficando bem melhores. Essa colaboração é muito boa e interessante, e é uma coisa que não é tão comum assim fora desse grupo de kings. A gente sente que realmente é uma comunidade que tenta se levar, sabe? Porque às vezes no meio drag acontece assim uma competitividade, uma coisa meio de tentando prejudicar os "concorrentes"… E com a gente não, a gente normalmente sempre quer elevar uns aos outros, melhorar…

Essa competitividade acho que também deve estar enraizada na questão de seremtão poucas pessoas

[no *drag* do Porto]… Também a questão do público: atrair públicos, roubar públicos…

Mas também eu acredito que quanto mais gente interessada, mais gente se organizando, mais fácil fica…

É um benefício para toda a gente…

Exato. E assim, esses eventos surgiram aqui porque justamente tinha este grupo de artistas que queria performar e não tinha onde performar, então, a gente conversou com eles e começou a fazer *shows* aqui, mas era um espaço que não existiria. Se não existem mais artistas, ninguém vai abrir mais espaços porque não vai ter artistas para performar.

Daí essa questão da competitividade, ou da "inveja", fazer pouco sentido porque ajuda a que toda a gente lucre e, mais do que isso, vai permitir que surjam novosartistas, valorizar a arte de drag para o/num todo…

Com certeza. Quanto mais cresce a cena [de drag], mais pessoas vão conhecendo e aproveitando. E dá para ver em vários outros países: cenas em cidades que começam pequenas e vão crescendo, e como isso acaba sendo benéfico ali para aquela comunidade… Acho que é mais esse o caminho.

É um caminho que começou, diria, com o "fenómeno drag" a que temos assistido nas últimas décadas, com repercussões à escala mundial. Pensar o Porto, uma cidade "pequena", ainda que com um histórico de performatividades *queer* e LGBTQ+, inserido nesse fenómeno internacional é um desafio. Mas o que te quero mesmo perguntar é: mesmo no contexto internacional, a representatividade entre drag kings e drag queens é muito diferente… Onde é que achas que esta disparidade está enraizada?

O RuPaul, por exemplo, nunca teve um drag king, batem muito nessa tecla. E a primeira vez que um desses *reality shows* de drag teve um drag king, com destaque, foi o *Dragula*: com o Landon Cider. E foi incrível, espetacular. A questão do RuPaul: eu acho que, aos poucos, as coisas estão sendo desconstruídas, mas muito lentamente… É um artista de outra geração, e é tudo muito focado, na sigla, no "G". Até as pessoas trans começarem a entrar também levou algum tempo… Eles dizem que "*ah* mas o formato é pensado do jeito *x*", tem várias desculpa. E acho que isso influencia muito o facto de terem poucos atuando, porque muita gente não sabe que existe: a gente vai aos lugares e as pessoas ficam "Nossa, drag king?" e você explica, e as pessoas ficam "*Wow*, nunca soube que isso existia"… Realmente, acho que é mais uma falta de conhecimento.

E a essa camada acresce também o patriarcado, diria… Se uma queen coloca o "dedo na ferida", mostra o quão performativo é o género, e como a masculinidade hegemónica não faz sentido, acho que com um king então tudo isso se torna ainda mais visível. Por isso mesmo, se calhar, o apagamento é maior…

Com certeza. Nos anos 80, anos 90, quando começaram a ter mais "espaços drag", os lugares em que drag kings eram mais comuns, eram lugares que tinham festas específicas de drag king focadas num público lésbico. Durante muito tempo, essa parte do machismo, do patriarcado, contribui para não ter tanto essa mistura… O público gay é só gay, o lésbico é só lésbico...

Uma segregação…

E tinha muito essa coisa do homem gay ficar "ai mulheres não, imagina, que nojo" bla bla, e ter toda essa divisão…

Uma divisão que ignora as realidades trans…

E era bastante comum, especialmente nesses anos, pessoas começaram a fazer drag, e depois entenderem-se como trans através desse processo. Muitas mulheres trans no drag, e homens trans também. Mas é engraçado que "lugares mistos", historicamente, não era tão comum… Em geral, os espaços de king são mais só lésbicos e os espaços de queen mais gays. E, hoje em dia, eu acho que se vê

espaços mais diversificados…
Internacionalmente, sobretudo…

É. A Inglaterra é um dos lugares mais diversos em termos de *show drag*. Os shows são muitos diversos, tem performers de todas as letrinhas, PcD, de todas as etnias… Eles realmente buscam uma inclusão, e isso em outros países não tem tanto. Aqui, é ir gatinhado…

De degrau em degrau *(risos)*.

A gente começou nas festas da Xota, por exemplo, que é para um público mais lésbico, mas a nossa ideia com as festas daqui é fazer uma coisa que integre todo o mundo.

A gente não quer fazer um rolê exclusivamente king, ou um rolê exclusivamente drag queen, a gente quer uma coisa para todo o mundo… Que, realmente, represente todo mundo e que tenha artistas de todos os tipos…

Mesmo em termos de performance, de estéticas. Cada um ser também diferente dessa forma...

Cada um completamente diferente: escolhas de músicas, tipos de números… Variedade. E como já falamos: produzir coisas que nós gostaríamos de ver. É mais interessante quando é um *show* muito diversificado, do que pessoas fazendo basicamente uma mesma coisa.

Eu adoro os *lip syncs* das *older queens* do Porto, mas podem ser repetitivos. Isto não é dizer que são expectáveis, ou pouco criativos… Mas é isso: acho que quanto mais diversidade, nas questões identitárias como já falamos, e em termos artísticos/performáticos, mais enriquecedor é (para a comunidade).

E acho que também é muito isso de ter espaços para todo o mundo: quem gosta mais dessas performances, vai ter esse espaço aí… Quer ver outras coisas? Vai ter esse outro espaço…. É isso de ter espaços para todo o mundo. Todas as formas têm o seu mérito, tem espaço para todas elas.

Deveria haver mais espaços.

Exato, o Porto é bem pequeno. Quando a gente começou a fazer este movimento novo, percebemos que tem espaço [para o drag]. E todas as nossas festas elas têm enchido muito, mais do que a gente esperava. Então você vê que se realmente fizerem, tem procura, tem gente que se vai interessar e que vai ver. Eu acho até que se tivesse mais [espaços], haveria mais gente indo também.

A afluência surpreendeu-vos bastante, então?

Sim, mal a gente começou, as primeiras festas eram assim meio irregulares, menos gente, mas nas últimas quatro, cinco festas, sei lá, desde outubro, tem enchido muito. E dá para pagar a todos os artistas, direitinho… E isso é uma coisa que a gente se preocupa bastante: não trabalhar de graça.

Há uma precariedade inerente em fazer drag (?)…

Em drag tem muita coisa que é assim: só conseguir um espaço, "estou-te fazendo um favor, então você trabalha de graça porque eu te dei um espaço"…

E tudo custa dinheiro, imagino, desde a *makeup*, à roupa, aos *props*…

Fazer drag custa muito dinheiro. Se é só um hobby, é um hobby muito caro… Então, realmente, pagar aos performers é sempre uma preocupação. Mesmo que a gente não tenha muita gente, a gente faz questão de pagar um valor mínimo sempre, e se a gente consegue mais dinheiro, a gente distribui para as pessoas ganharem mais. Tanto quanto a X faz festa, a gente não lucra nada com elas… É realmente tudo para quem está sendo artista.

Viver só de drag é uma realidade distante, utópica…

Em Portugal eu acho bem complicado. Em outros países é possível: as pessoas participam desses *reality shows*, e aí é bem possível *(risos)*. Agora, "pessoas comuns" fazendo drag, em alguns países, ainda é possível… Na Inglaterra é bem melhor pago do que aqui, mas a pessoa tem que fazer muitos shows por semana para conseguir. E é o que eu falei: tem público e tal, só que ter uma coisa toda a semana, não sei se seria viável assim por enquanto [no Porto]. Talvez seja assim porque tem muito público que é: tem [festa] uma vez ao mês, então as pessoas se organizam para ir naquela… Se fosse todas as semanas, será que teria o mesmo público? Não tenho a certeza também, porque a gente nunca testou *(risos)*. Até porque nós não somos tantos e a gente ficaria exausta… Cada um tem os seus outros trabalhos, as suas coisas. Em Portugal, realmente, eu não acho possível viver só de drag.

Será uma percentagem muito pequena, atualmente, que o consegue. E não o terá conseguido toda a vida, provavelmente…

É. Tanto que essas queens mais antigas têm, ou tiveram, outros trabalhos… Mas pronto: receber por isso, já é alguma coisa…

Uma valorização do próprio trabalho e do investimento…

Só o facto de você conseguir pagar o que investiu naquilo, já é muito bom.

Voltando atrás umas questões: tudo, no teu drag, é totalmente autodidata? Desde o cabelo, à maquilhagem, às noções de performance, de palco…

Sim, a maior parte das coisas foi assim de forma muito autodidata, ou de troca com as outras pessoas… Então, essas noções de palco—que eram coisas que eu não tinha muito—foram amigos, e artistas drag, do teatro, que me deram feedback de coisas que eu nunca pensaria. "Ah você pode fazer as coisas desse jeito… Quando você tiver no palco se move dessa forma, ocupa esse espaço… Fica ali, e não aqui"… Você, enquanto uma pessoa que não tem tanta noção de palco, vai se mexer de forma *x* e eles vão falar "ah, pode ser interessante você ficar parado nessa hora, sem se mexer", são coisas que você vai aprendendo [com outros perfomers].

E maquilhagem, nem youtube,



8

porque quando eu comecei nem tinha… De queen tem muito, mas de king tem pouco, é muito difícil. Eu tinha feito curso de maquilhagem normal e foi aplicar parte do que eu sabia… Porque é assim, quando você faz um curso de maquilhagem você aprende a deixar o rosto mais feminino e todas essas coisas…

E eu quero o oposto *(risos)*.

Exato. Então eu pensei, se eu fizer tudo ao contrário, vai dar um rosto masculino *(risos)*. E foi indo nessa direção… As vezes olhar a maquilhagem de outros kings, ver como eles fazem, olhar rostos na rua mesmo… Pegar detalhes que eu acho interessante, é mais isso. Eu diria que é uma troca constante com tudo: não foi "ah, eu aprendi tudo em lugar *x*", nem "eu tirei tudo do *0* da minha cabeça", é muito de influências, de trocas…

Voltando às tuas influências: podes

dar exemplos, referências, do teu universo criativo? Que influenciem o teu repertório, as tuas escolhas (sejam visuais, musicais, etc)… Há pouco falaste que depende da questão das festas com tema prévio…

Às vezes sim, às vezes não… Para escolher as músicas, como faço king, procuro músicas que tenham homens cantando. Isso não é obrigatório, mas eu prefiro fazer isso na maior parte, e isso já te limita um pouco… Sei lá, em geral, se você faz queen, você tem todo um leque de divas pop que você pode usar… De king, em geral, talvez você pegue umas músicas de rock, que é onde tem mais vocais masculinos. Eu procuro músicas que acho que vão ser interessantes para performances, músicas mais animadas, que tenham graves interessantes… E aí eu começo a pensar numa história para aquilo, às vezes ouvindo a música eu já começo a ter ideias, ou às vezes eu escolho uma música específica e começo a pensar numa ideia a partir dela. Depois começo a pensar em cada estrofe o que vou fazer…

A desconstruir a música...

Sim, é desconstruir. Por exemplo, esse número que eu fiz na Inglaterra, em 2020, era na época que tinha começado essa história do *Mandolarian* e do *Baby Yoda*, estava muito popular, tudo era *Baby Yoda*. (E eu sempre gostei muito de *Star Wars*) E chamavam ele de *The Child*… E quando eu fui fazer essa festa, o tema era alguma coisa espacial, alienígenas: então, eu vou pegar no "Sweet Child Of Mine", a música dos Guns N' Roses, e vou fazer com o *The Child*, que é o *Baby Yoda (risos)*. E eu vou ser o pai dele, fiz uma maquilhagem toda verde, ele era o meu filho… Eu comecei a pensar numa performance que se encaixasse nessa música, só que com ele sendo o meu bebé: mas depois o bebé é sequestrado a meio da música, eu procuro por ele, e depois eu encontro o sequestrador, aí eu começo a tirar as tripas dele, e termina numa coisa toda *gore* em que eu acho a cabeça do bebé num jarro *(risos)*. É uma performance muito dramática, porém cómica…

Campy…

Muito *campy*. Trágica, porém, engraçada… E cheia de emoções, então, às vezes eu gosto de colocar drama, e morte, sangue, tripas, só que de um jeito mais cómico, não necessariamente realista.

A camada mais engraçada vem justamente por ser falso, "plástico", eu acho… E da escolha da música, de início…

Nesse caso, foi assim, tem esse tema e eu fui construir uma coisa em relação a isso…

E Jesus [redes sociais]…

Era uma festa de Natal *(risos)*. Assim que eu comecei a fazer drag, quando eu tentava fazer, eu sempre ficava a cara de Jesus… Eu tinha um cabelo mais comprido na época e eu olhava, ficava "gente, estou igual a Jesus". Falei, "tá, vamos fazer um Jesus dessa vez", e fiz o *"Personal Jesus"* [Depeche Mode]. Já o número do cowboy, que foi o que eu fiz na Pride, não tinha tema nenhum… Eu gostava muito de Orville Peck, dessa estética, e quando a Pabllo lançou a "Bang Bang" eu achei interessante fazer um mashup das duas coisas: uma é mega séria, a outro é o extremo oposto. Ah eu fiquei "vou fazer um cowboy se apaixonando": [o número] conta uma historinha, tem um desfecho romântico… Mas esse foi algo motivado porque eu gostava de uma estética, depois veio a música, e eu quis juntar tudo e fazer uma "performance de *cowboy*", dos dois universos. Varia muito, às vezes parte da música, às vezes parte de um tema…

Obrigado por esta conversa. Já tenho aqui bastante para "digerir", e transcrever…

Imagina. Qualquer coisa me diz, se não se perceber, como eu falo baixinho pode ficar difícil de entender *(risos)*.



9


@orlandothedragking
@xota_produces_things_of_kiteria



19/04/2023; 29/06/2023
[25m28s; 18m20s]

Roberta Minsky

Invictus, Porto

Antes demais, queria perguntar se estás confortável com o termo drag ou preferes artista/performer transformista?

R As *drags* e as transformistas são diferentes. Hoje em dia utilizam "drag" para tudo *(risos)*, por isso não tem problema.

Como e quando nasce a tua persona artística, a Roberta? Existia uma experiência de palco, de performance anterior?

Eu já faço isto há 30 e muitos. Surgiu de uma brincadeira numa discoteca, não havia bares gays ainda na altura. Portanto, eles faziam umas coisas à tarde, umas matinés, para o pessoal gay. Mas aquilo era uma boate de meninas—ao domingo à tarde, virava gay.

Ao domingo só?

R Ao domingo só. E então, eles lá fizeram um concurso [de transformistas] e eu concorri. E ganhei. Tinha mais ou menos experiência na dança, a minha professora da altura até me incentivou a continuar… Mas não tinha no transformismo. Eu parecia uma menina... Ainda hoje não tenho muita barba, mas na altura não tinha nenhuma (*risos)*. E pronto, foi assim.

Lembraste como se chamava o bar, onde era?

R Lembro-me. Ficava na Rua Santa Catarina, em frente ao Majestic, e era o Colibri. Era uma boate de meninas, de alterne, e ao domingo à tarde virava gay.

E as transformistas eram bem vindas?

R Eram, sempre. E aquele pessoal gay também—e foi por isso que abriram essas matinés.

Nesta pesquisa tenho encontrado vários nomes de espaços no Porto que acolhiam o transformismo, mas é um pouco difícil perceber quando é que abriram, onde… Tipo o "Azul e Branco", o "Moinho de Vento"…

R Esses foram todos posteriores a essa altura [do Colibri].

Depois do Colibri, este foi o primeiro bar gay que existiu [espaço onde é hoje o Invictus]: era o Kilt Club.

Não era do tamanho que é atualmente, era mais pequenino, era uma coisa mini. Depois de abrir o Kilt, abriu o Bustos, abriu o My Way, depois o Azul e Branco, o Finalmente Santa Catarina, o Syndikato, o Moinho de Vento...

E em vários, diferentes, pontos [da cidade]: em Santa Catarina, no Bonjardim, no Largo do Moinho de Vento, aqui…

R. É. Eu cheguei a um ponto em que fazia quatro casas no mesmo dia, fazia show nas quatro…

Wow.

R. Era complicado *(risos)*.

Começavas no início da noite e depois era sempre a correr. Mas diz-me uma coisa, nesse início, do concurso no Colibri, já usavas o nome, "eras", Roberta?

R. Não, ainda não tinha o nome Roberta… Não tínhamos nome. O prémio, entre aspas, era estar a trabalhar com artistas profissionais durante uma semana. E, entretanto, eles acharam que eu tinha jeito… O grupo deles estava a desfazer-se na altura, e a Nani [Petrova], que já estava nesse grupo, convidou-me para trabalhar com ela. E eu aceitei.

Com uma frequência mais semanal?

R. Era uma ou duas vezes por semana. Depois, formamos um grupo e começamos a fazer de forma mais assídua.

E nessa primeira vez, como foi? Que sensações tiveste?

R. Foi engraçado porque eu tinha noção de palco, de espaço, pela dança. Não de travestismo.

A presença é diferente?

R. É uma presença diferente. Se bem que na altura, quando apareci, era um bocado avançado demais para a altura. E na altura não se usava o termo "transformista", era travesti—portanto, era um travesti clássico.

Muito ligado ao teatro, ao burlesco, certo?

R. Tudo muito clássico, tudo muito Shirley Bassey, as estrelas da música, as divas, desse tempo. E eu aparecia a fazer coisas muito "dançadas", diferentes.

As tuas referências eram um pouco diferentes do que se fazia até essa altura?

R. Eram muito diferentes.

Como espectador, noto muito a presença da cultura espanhola nas tuas escolhas de reportório, era por aí [nessa altura]?

R. Quando eu apareci fazia muito Madonna, por exemplo… Fazia o que na altura estava a surgir. Nessa época, por eu fazer coisas muito dançadas, escolhia o que dava para dançar. Madonna… *(pausa)*. Muitas outras, estava a puxar pela cabeça a ver se me lembrava de outras… A Samantha Fox…

A Sabrina?

R. A Sabrina. Eu fazia isso tudo… Coisas que eles não faziam, já eram mais velhos que eu, não faziam. E depois havia assim umas musiquitas espanholas pelo meio, que a gente achava engraçadas, e fazia. Entretanto evoluí, fui vendo artistas internacionais, cantoras, e comecei a ganhar o gosto de fazer outras coisas. Aliás, como falo línguas, a música espanhola acabou por entrar [nos números] inevitavelmente…

Como falaste agora dessa geração mais velha, pergunto-me se existia uma passagem de conhecimentos, de truques (seja de palco, ou de maquilhagem) …

R. Nada, nada, nada.

Era muito "aprende sozinha"?

R. Era muito mais complicado… Até porque eles não viam com muitos bons olhos uma pessoa mais nova. Eu, ainda por cima, não sou português, na altura tinha um sotaque puro e duro…

Posso perguntar de onde?

R. Sou brasileiro. E eles não estavam muito dentro da ideia de um brasileiro entrar no grupo deles, que era um grupo muito restrito, muito fechado. Entretanto conheci uma transsexual, a Rute Bianca, que fazia *shows* em Barcelona. Cheguei a assistir a *shows* dela aqui. Fiquei fascinado com aquilo: era diferente… E pronto, ela sim, deu-me umas dicazinhas. Achava que eu era muito engraçado, e foi ensinando assim algumas coisas. Não muitas porque não trabalhávamos juntos, mas conversávamos muitas vezes. Mas era totalmente diferente do que é agora…

Há Youtube.

R. **Agora procura-se tudo na internet e encontra-se tudo. Tutoriais de tudo e mais alguma coisa…**

Como tornar o rosto "mais feminino", pentear uma peruca…

R. Na altura, perucas era dificílimo de arranjar… De maquilhagem o que havia era o *Tokalon*. A gente usava um pó que parecia que tínhamos saído da praia, era "*Tokalon* Copacabana" *(risos)*: ficávamos todas moreníssimas, super bronzeadas. Mas depois surgiram aquelas bases da *Max Factor*, o pancake, que era o que se usava na televisão: eram caríssimas. Foi o que se passou a utilizar, mas de qualquer forma era dificílimo de encontrar. A cosmética foi evoluindo…

Voltando um pouco à questão dos espaços, da época em que fazias vários *shows* numa noite. Sentes que a partir de certa altura, quando vários sítios começaram a fechar, isso foi um reflexo de um desinteresse geral pela arte (na cidade)? Menos afluência de públicos?

R. Houve uma altura em que havia muitos bares gays no Porto, mais do que o que há atualmente. Todos eles tinha *show*.

Havia uma cultura de show grande. Entretanto em 2009/2010, o Boys'R's Us, que era a "catedral" do *show*, ali ao pé do Palácio da Justiça, fechou.

Eu ainda lá estava, e aí perdeu-se um bocado a cultura do *show*.

Foram uns anos largos em que as pessoas não metiam *show*, não queriam *show*, achavam que não era… *(pausa)* Pronto, durante esse tempo eu estive a trabalhar em casas hetero, em várias, e depois começaram a aparecer pontualmente casas que tinham espetáculo. *Ah*, o Moinho de Vento também tinha fechado, e depois fechou o Boys'R'Us…

No entanto, nesses espaços que começaram a abrir, e alguns deles ainda existem hoje, com artistas transformistas, ou drags, não se constroem performances com o intuito de existir um "número"… [As/os/es performers] Estão lá a *(interrupção)*...

R. Estão lá. É performance mas só dançam, não fazem um número em grupo, com um seguimento, não fazem músicas em grupo… É diferente.

Atualmente, os únicos [espaços com show de transformismo/drag] que permanecem nessa ideia de "número" (mais cénico), é aqui o Invictus, o Lusitano mais pontualmente…

R. O Lusitano é diferente, são shows diferentes. O Zoom também, não tem absolutamente nada a ver connosco…

Sim, é muito diferente, *gogo performance*/drag. Mais recente, na cidade, há o Bar Of Soap…

R. Sim, o Bar Of Soap, é mais parecido connosco…

Curiosamente, sim, [mais parecidos] nesse sentido de um encadeamento de performances. Ambos muito diferentes na forma, nos "tipos de transformismo", diria… Mas, felizmente, há espaço para ambos.

R. Do que eu tenho visto do Bar Of Soap, acho giro. São diferentes, é um tipo de casa diferente desta [Invictus]. Mas tem performance, e são muito engraçados.

E como disseste, aproximam-se muito mais daqui do que outros sítios onde também há artistas transformistas/drags.

R. Aliás porque nos outros sítios, por exemplo, no Zoom, elas não fazem performance, só dançam…

É uma performance, lá está, de dança. Mas não há a construção de um número como há aqui, ou no Bar Of Soap…

R Ali no Lusitano, pronto, elas são todas um bocado idênticas… Daquilo que eu tenho visto, mas pronto… É uma onda nova, uma onda diferente.

E as relações entre estabelecimento e performers transformistas/drags? Pergunto porque se fala de uma certa competitividade (não sei se tens uma opinião formada sobre isso, ou se a queres dar)…

R Eu, geralmente, estou metida aqui no meu canto, não saio daqui para lado nenhum. Nem tenho tempo… Para ir para lado nenhum. Mas não me considero rival de A, B, C ou D… Até porque são casas diferentes, espaços diferentes.

E quantos mais espaços, mais diferença.

R Às vezes existe [competitividade], quando elas são muito parecidas. Sobretudo estas mais novas, este pessoal mais novo que apareceu agora… Aí eu noto que existe.

Quando dizes "daquilo que eu tenho visto" presumo que estejas a falar do *online*, da presença nas redes… Essa presença, atualmente, é muito importante, não é?

R É. Funciona tudo muito assim, e as pessoas têm conhecimento através das redes sociais… E não da comunicação social, porque eles também são suspeitos: ou são muito sensacionalistas, ou então gostam de mostrar aquilo que não é real, o que é mau. Não mostram o que é bom… Mostram o que lhes interessa, o que vende. Por exemplo, as pessoas perguntam-me o que é que eu acho do *Drag Race*, da RuPaul…

Desse fenómeno internacional…

R Eu considero aquilo um *Big Brother* gay, mais nada. Não é a realidade do que se passa no resto…

É um *reality drag show,* um *franchise*. Não é um espelho da realidade, deste mundo…

R Não tem nada a ver. Aliás, há dias estiveram aqui uns espanhóis e disseram-me: "Devias estar no *Drag Race* de Espanha" e eu disse "Ai não, nem pensar" *(risos)*… Não, não.

Pegando um pouco nisso, e voltando à cidade. Existe este *franchise* internacional que coloca um holofote sobre esta arte e, estranhamente ou não, isso não é sinónimo de um interesse crescente da cidade [de instituições, espaços, etc.] por vocês... Ainda não perceberam que ao valorizar-vos…

R Infelizmente, não funciona assim. A realidade não é essa… Nem um *Drag Race* os torna mais recetivos, ou interessados, em procurar um público-alvo capaz de investir [turismo LGBTQ+]…

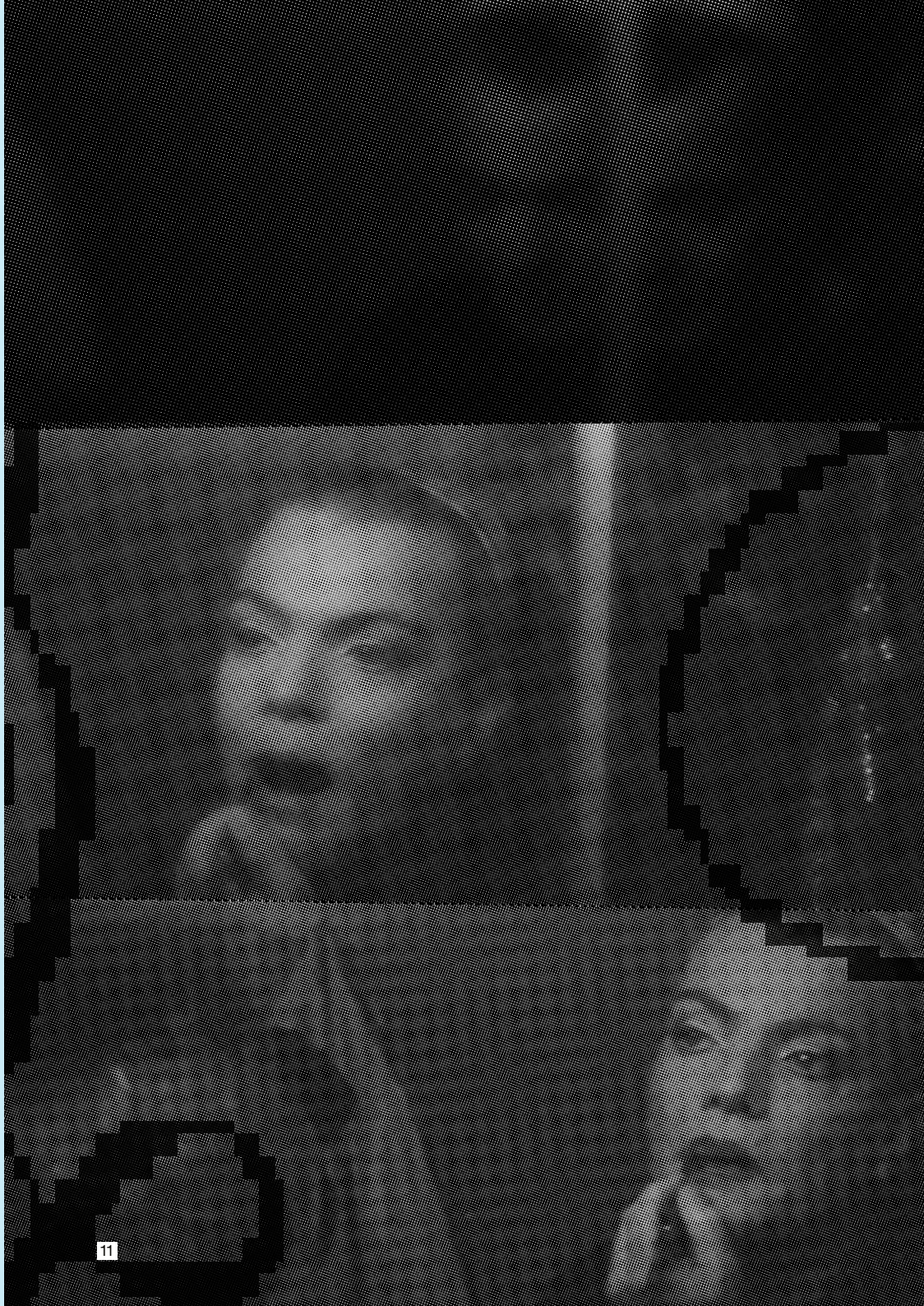
R Em matéria de público, de pessoas que vêm assistir, temos uma afluência grande de pessoal hetero que vem, bi… Pessoas que vêm para apreciar a performance?

R Pessoas que nunca viram, que nunca viram. Outras que viram coisas pontuais, na televisão, boas, e outras que viram coisas pontuais, que eu considero más [na televisão], e vieram comprovar se era assim ou se não era… E acabaram por vir e voltar, por ser diferente daquilo que imaginavam. Tenho muita gente que me diz "Isto não é nada daquilo que a gente pensava"… E é muito bom.

É engraçado esse movimento de "Chego. Vejo outra coisa do que eu estava à espera. Quero voltar, ver outra vez".

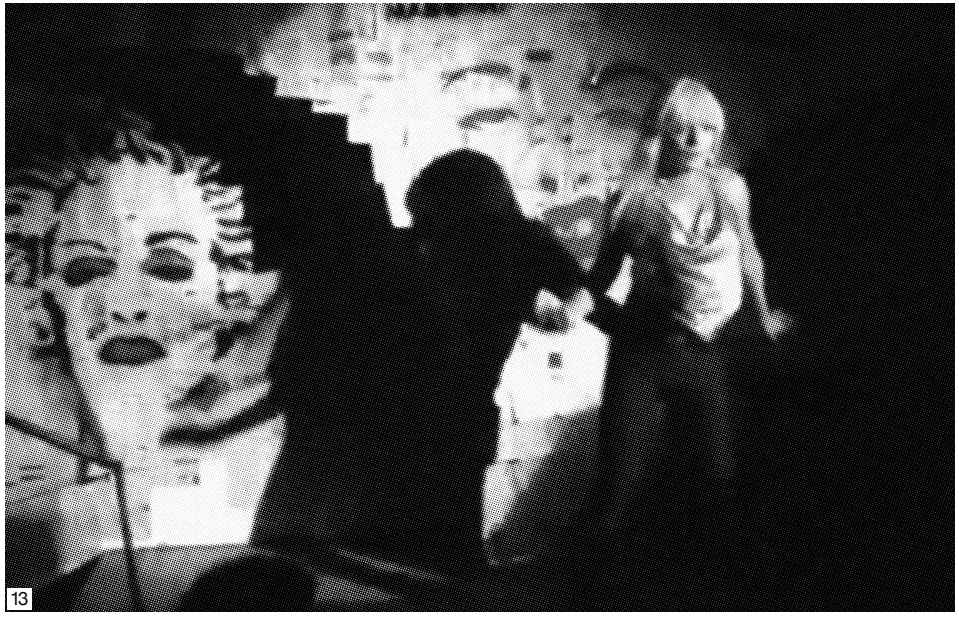
R É. Querem voltar e ver… Até porque nós, aqui, rodamos um bocado: eu estou sempre (risos), de quarta a domingo… Tirando a Nany [Petrova] que está sempre sexta e sábado comigo, e tem um estilo mais burlesco (não é?). Nós vamos rodando sempre um bocadinho, e isso torna as coisas diferentes todas as semanas.

Artistas diferentes, números diferentes.





12



13

Sim, evita-se o “Vou lá, mas com o medo de ver a mesma coisa”, todas as semanas temos coisas diferentes…

Seria okay vir chatear-te noutro dia?

R Estás à vontade.

[29/06/2023]

Na última conversa abri com a questão dos termos “drag” e “transformista”, e na distinção que fazes entre eles…

R São diferentes… “Drag” agora serve para tudo.

Sim, tu disseste que quando começaste, há mais de 30 anos, só existia o termo “travesti”, do francês, do burlesco. Mas do que tenho lido, aparentemente, o termo “transformista” surge para se fazer uma “diferenciação” entre o travesti da performance, e o “travesti de rua”, isto é, mulheres trans, trabalhadoras do sexo, muitas emigrantes.

R Não, não se utilizava o termo “transformista”. Depois para se diferenciar um bocadinho a pessoa que fazia *show* da pessoa que estava na rua, criou-se, apareceu o termo. Entretanto desapareceu o termo “travesti”, e as pessoas que estavam na rua passaram a ser trans.

Questões de identidade, e não só, atualizações de linguagem…

R Sim, “trans” engloba tudo, como o drag.

É um termo guarda-chuva.

R E. Nós temos um bocado a mania de adotar termos do inglês, vamos buscar as coisas aos americanos…

Já que falas disso: onde é que foste buscar o teu “Kinsky”, como surgiu?

R Surgiu porque eu vi um filme com atriz Nastassja Kinski. E eu fiquei apaixonado pelo filme e por ela, era o “Cat People” [1982, dir. Paul Schrader]. Até que nos parecemos *(risos)*…

Na tua make-up, em ti, há algo de bastante felino, sim. Referiste também que, naquelas *matinés* ao domingo, no Colibri [Rua de Santa Catarina], ainda não tinhas nome, e que apareceu mais tarde quando começaste a atuar com um grupo… Em que locais é que esse grupo, com a Nani [Petrova], performava?

R Aqui [espaço do Invictus], no Kilt à época. O Colibri só funcionava ao domingo à tarde, e, entretanto, o Kilt apareceu— era o primeiro bar gay do Porto. Faziam fila aqui à volta para entrar aqui… Não havia nada.

Abria quando?

R Principalmente ao fim de semana. Esta zona não tinha a vida que tem hoje, era completamente deserta…

Pois, imagino, toda esta zona… Não existiam umas Galerias [de Paris]…

R Isto era um desterro *(risos)*.

Falamos de como nessa altura, com o grupo da Nani, mais velho, não existia uma “cultura de passagem”, de truques/conhecimentos, as pessoas novas não eram propriamente bem recebidas. No entanto, sei que tens uma “filha drag/transformista”, a Nicole Kinsky. Pode-se dizer que não fizeste a outras aquilo…

R Que me fizeram a mim, não. Nunca fiz a nenhuma. A todas, inclusive a Allan, que começaram comigo, mostrei-lhes os primeiros passos de maquilhagem… E foram aperfeiçoando a maneira de estar em palco, foram caminhando. Hoje em dia há pessoas, pessoal mais novo, que pensam que quando se diz alguma coisa, é por mal delas… E não é. Às vezes quando eu digo alguma coisa: “acho que ficava melhor assim, ou melhor assado; podia-se fazer isto, podia-se fazer aquilo; isto encaixa mais na tua maneira de ser, com a tua personalidade”… Há umas que aceitam, outras não.

Apontas o que pode ficar “melhor” com a proposta em palco…

R Por exemplo, eu não me sinto à vontade de fazer burlesco— fazer faço, mas não tenho aptidão para isso. Ficaria uma coisa estranha, entre o que eu faço e o burlesco, e eu tenho de me sentir bem a fazer. Eu tento lhes passar isso… Temos de ir fazendo tentativas. Eu já cheguei a fazer músicas aqui, de que eu gostava, e como as pessoas não aderiram, eu fiz uma vez e não fiz mais.

E não há ensaios prévios, é testar no momento (?)…

R Não. E hoje vai estar uma nova, a atuar [Gina Lamar], e é daquelas que ouve. Lá está, eu não conto ficar aqui para semente (risos)…

Isso vai um bocado no sentido de algo que te queria perguntar: quais são as tuas perspetivas de futuro? Não se fala muito disso, aliás, como também não se fala muito de envelhecimento LGBTQIA+, a tendência para não se falar de longevidade no drag/

transformismo, na tua profissão a tempo inteiro, é grande também…

℟ Não, não se fala absolutamente nada disso. É assim, enquanto eu achar que tenho capacidade para estar em cima de um palco, e transmitir alguma coisa às pessoas, eu continuo. Quando achar que já não tenho capacidade para isto, então, faço como os futebolistas…

Arrumas as botas!? Mas deve ser um pouco difícil de perceber isso...

℟ É um pouco difícil de perceber. Lá fora, no estrangeiro, em Espanha por exemplo, vês transformistas com sessentas, setentas, a trabalhar…

Cá, a Nani é uma exceção.. Diria que não há ninguém no país que o continue a fazer (?)…

℟ Com a idade dela, cá, não. É uma exceção… Está cá às sextas e sábados, o domingo varia.

E tu cá estás de quarta a domingo, todos os dias a "picar o ponto" *(risos)*. Mas é um assunto importante, o envelhecimento nas artes de palco, no entretenimento, no *showbiz*…

℟ Ainda ontem isto estava completamente cheio de estrangeiros: americanos, australianos… E eles estavam-me a dizer que o que viram aqui, lá [em comparação], era ótimo. Aquilo que vemos numa RuPaul, num *Drag Race*, não é a realidade.

Esse *feedback* é muito positivo, animador..

℟ É, mas pronto, como te estava a dizer, nenhuma de nós vai ficar cá para semente… Mas todos nós aprendemos: eu aprendo com as mais novas, conforme elas aprendem comigo, é assim na vida. O importante é gostar daquilo que se faz...

E tu gostas, obviamente, não estarias aqui. Estava a pensar numa forma de "rematar" tudo isto… A Deborah Krystall, numa entrevista, disse esta frase: "Podem chamar-lhe loucura, mas achamos que é cultura"…

℟ É. Isto é uma forma diferente de teatro. Podemos fazer diferentes personagens durante a noite…

E tudo muito rápido.

℟ Já atuei num desfile de moda e eu conseguia vestir-me mais depressa que elas [as modelos]. Um estilista convidou-me a performar, no desfile, com as roupas dele… Ficava no meio de um anjo e de um demónio…

Como a Virtude *(risos)*.

℟ E como fazia duas performances, tinha de mudar de roupa, e pronto, despachava-me primeiro que elas. E elas ainda precisavam de ajuda…

Porque lá em cima [no camarim], entre números, tu não tens ajuda… Nunca lá estive, há espaço?

℟ Espaço há, o nosso camarim é do mesmo tamanho que aqui de baixo, maior até…Cá tiveste em camarins bem mais pequenos, imagino (?)… Eu já tive em cubículos.

Do que já li, o camarim do Boys R'Us era assim…

℟ O camarim do Boys R'Us era uma dispensa. Era daqui até ali mais ou menos [aponta para um pequeno espaço, no chão, na esplanada do Invictus]… E estávamos três.

Três pessoas, *wow*. *(Pausa)* Acho que há pouco te interrompi quando estavas a comentar a frase da Deborah…

℟ Como eu estava a dizer, é cultura, e perdeu-se um bocado. Antigamente, na Idade Média, quem fazia teatro eram os homens, não o era permitido às mulheres—e eles faziam os papéis femininos. E aquelas gueixas lindíssimas do teatro tradicional japonês…

O kabuki.

℟ Por isso, claro que é cultura. As pessoas esquecem-se disso, convém esquecer. Infelizmente, hoje, com o sensacionalismo, o que é mau vende-se, o que é bom esquece-se..

Obrigado, Roberta.

℟ De nada, obrigado pelo convite. Hoje vês o *show*?





Allan Lynn

29/06/2023
[24m12s]

Invictus, Porto

Allan, há quanto tempo performas, e onde?

A Comecei aqui no Invictus, no final de 2019. Entretanto meteu-se a pandemia, estivemos um tempo parados, e quando reabrimos comecei a vir mais frequentemente—mas era como se fosse um "Lugar às Novas".

Às segunda-feiras? (referência ao Lugar às Novas, no Finalmente Lisboa).

A Não não, era à quarta (risos). Ao fim e ao cabo, comecei a vir muitas vezes, até que foi preciso mais uma pessoa para fazer *show* e, nessa altura, a Roberta convidou-me. Para fazer quartas, quintas e domingos. Inicialmente, era para ser sextas e sábados rotativos—com as drags todas—, mas esses dias são complicados por causa da minha profissão. Não consigo estar aqui a horas, ter tempo para me maquilhar…

Qual é a tua ocupação, se puder perguntar?

A Sou chef de cozinha. E pronto, ficaram então esses três dias.

Antes disso, nunca tinhas experimentado, tentado…?

A Não. Isto foi uma brincadeira que a Roberta me propôs na altura em que duas das drags tinham ido a Lisboa, à Gala Abraço. Eu sempre gostei de andar de salto alto, e costumava ajudá-las lá em cima [camarim], aqui no bar, e ela lá me disse: "andas sempre de salto alto, tens de fazer um *show*!"…

E foi ela que te montou?

A Foi ela que me pintou a primeira vez. E como gostei da receção do público, repeti. Comecei a vir ao Lugar às Novas, comecei a fazer algumas das minhas roupas, a aprender maquilhagem com tutoriais no Youtube. E pronto, agora estou aqui.

A Roberta conta que "aprendeu tudo sozinha", não houve ninguém a guiá-la propriamente…

A Ela também só me fez a primeira maquilhagem, depois comecei a fazer sozinho. E a ver como elas faziam também, mais os tutoriais… Fui adaptando, vendo as coisas que me ficavam melhor.

Começou no Invictus. Depois foste para mais sítios no Porto?

A Pride, Lusitano—costumo fazer lá as quintas-feiras, duas vezes no mês—, e depois fora do Porto também. Em Leiria, no Blitz, já lá fui três vezes.

Qual é a principal diferença entre performar aqui [Invictus] e no Lusitano, por exemplo?

A Aqui é a minha casa, sinto-me bem a fazer *show* aqui. Claro que quando vou "para fora" vou com a mesma vontade, mas aqui sinto-me mais à vontade porque é onde tenho o meu camarim, onde guardo as minhas roupas, é aqui que me sinto em casa. Fazer show neste palco é diferente de fazer no Lusitano, claro que sim, são palcos completamente diferentes… O Lusitano acaba por ser ao nível do chão, não tem "palco". Mas o público lá também muito agradável, as colegas de camarim são ótimas, dou-me bem com elas todas—costumo fazer mais vezes *show* lá com a Dyanne [Star], ela também começou no Invictus, portanto

acabo por me sentir em casa também.

Há um sentimento de casa, claramente…

A Sim, aqui eu sinto que há um sentimento de família.

Quando se fala então de "competitividade", dramas…

A Ah, isso não, não é para mim. Isto aqui é para eu desanuviar um bocado, descontrair do meu dia de trabalho (onde já há suficiente disso), e é quase como um refúgio. Não é só uma brincadeira, porque eu também levo isto a sério, mas ajuda-me a esquecer tudo. E no momento em que eu me começo a pintar, entro na personagem e é a Allan a vir cá para fora.

Quase uma meditação.

A Quase isso *(risos)*.

Mas então fazes, existe, essa diferença entre o teu "eu" e a Allan, "persona" de palco?

A A Allan também tem muitas características minhas enquanto Márcio [nome fora de drag], a nível de feitio. Acaba por ser uma maneira de eu transportar para fora de mim, aquilo que eu não consigo enquanto Márcio. Em cima do palco, sou eufórico, explosivo, brincalhão, muito tudo… Como Márcio sou mais retraído, com menos à-vontade para falar, para tudo, é diferente. Mas acabam por ser a mesma pessoa.

Faces da mesma moeda.

A Sim.

E na construção dos primeiros números, nas escolhas musicais, existiram referências/influências?

A Não propriamente. Se ouvir uma música que gosto, normalmente, decido logo "vou fazer esta música", e é isso… A primeira música que fiz aqui, em brincadeira, foi a "Poeira", da Ivete Sangalo. Depois a "Barbie Girl" lançou-me mais um bocado—ainda ontem fiz, e as pessoas vibram.

Já que falaste da Barbie, esse "ícone" de uma ideia de feminilidade: o teu drag, e a tua barba, coexistem. És das poucas *bearded queens* do Porto…

A Eu gosto de me ver com barba em e fora de drag. A minha barba faz parte da imagem, da marca, da Allan já. Vai um bocado na onda do que estava a dizer sobre as parecenças com a "personagem"—eu posso um dia até tirá-la para fazer um *show*, mas também vou querer estar sem barba no meu dia a dia [fora de drag].

Não te perguntei antes, mas faço agora o parênteses: sentes-te mais confortável com o termo drag ou preferes artista/performer transformista?

A Eu faço uma diferença. Eu sou uma drag queen barra transformista. Uma transformista é uma pessoa como a Roberta, que se transforma completamente na "personagem", na pessoa, que ela está a fazer, a interpretar. Eu sou drag no sentido em que sou muito mais exuberante: olhos rasgados e bastante coloridos, lentes de contacto, sobrancelhas cá no alto. Mas na parte da interpretação, enquanto

A transformistas, elas, "as mais velhas" *(entre aspas)*, têm essa experiência. E eu digo que sou drag transformista porque tento fazer isso em cima do palco—e há quem faça só drag de animação, e é completamente diferente, e respeito toda a gente. Mas a parte do *playback*, dos movimentos na hora certa…

É uma experiência que vem do teatro. Deslocações em palco, entradas e saídas de cena, mudares-te rápido para o número seguinte…

A Isto aqui é uma escola. Sinto-me bem aqui porque também sempre foi a minha escola, aprendi muito com todas elas. Todos os dias em que as vejo fazer show aprendo: na forma como olham para o público, como falam com o público…

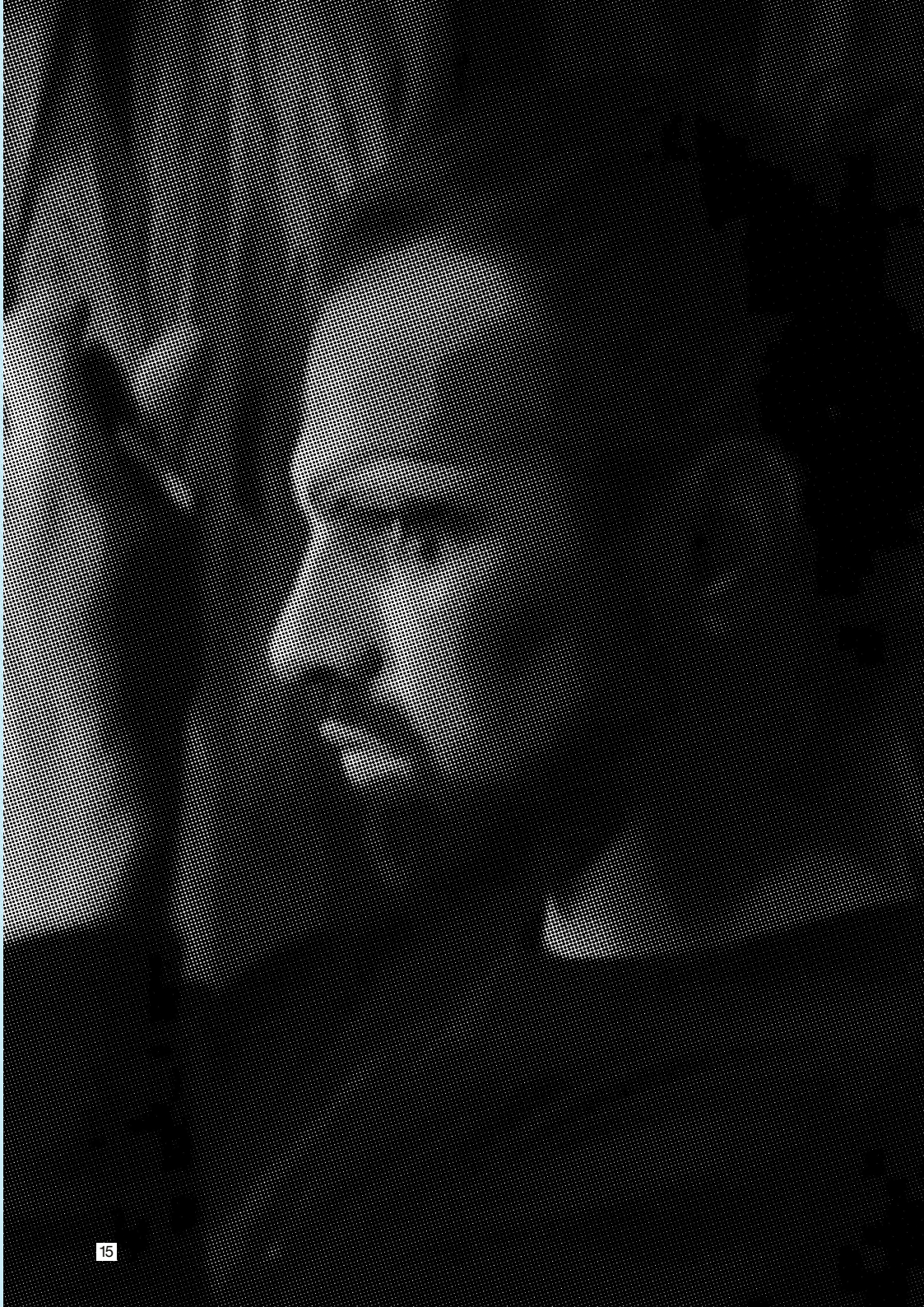
Tiras a jaleca e vens montado nesse "espírito de aprendizagem" *(risos)*.

A É a casa mais indicada. Porque o público também o permite: vem para ver *show*. As pessoas não vêm só para se divertir e olhar para ti, vêm para olhar e focar em ti.

E no Porto não há muitos espaços que promovam shows deste tipo…

A Não. Aqui, o Lusitano.

Mudando de tema: a presença online,





a forma como o teu drag está presente nas redes, e se alimentas isso ou não?...

A Então, eu comecei como drag com muito medo. Eu não sou do Porto, sou de Coimbra, e não era sequer assumido ao meu pai—só a minha mãe é que sabia. E muito menos sobre fazer *show*, tinha um bocado medo disso.

Só ano passado é que decidi contar à minha família toda que era drag queen, até lá tinha esse receio de ser julgado, de ser encostado à parede sobre isto. A partir desse momento, em que decidi fazê-lo, senti-me muito mais livre, mais leve, e o meu instagram passou a ser público. E aí sim, senti a necessidade de fazer conteúdos para postar. Não só de performance, mas também da parte visual, maquilhagens...

Sentes que foi como um segundo *come out* "sair de outro armário", ou?

A Sim, para além de assumir que sou *gay* também tive de assumir que fazia drag. E mesmo ao nível de relacionamentos, sinto isso, desde que comecei a fazer *show*… Isto é uma barreira.

Acredito, isso seria toda uma outra conversa, mas para terminar porque tens de te ir preparar: sentes que o Porto está a acompanhar a abertura de mentalidades que permite que o drag seja entendido como um "fenómeno" crescente internacionalmente, uma arte performativa como outras? Ou continuamos conservadores e pouco recetivos?

A Mais ou menos, está a mudar. Acho que enquanto drags e transformistas temos trabalho a fazer nesse processo. Ser drag também é saber respeitar a nossa arte e, mais do que isso, é saber protegê-la e mostrá-la ao público como ela é. Porque há públicos com ideias erradas do que é ser drag/transformista…

A Roberta falou-me disso: de pessoas que vêm cá com uma perceção diferente, apenas com aquilo que lhes chegou através da televisão, e encontram algo muito diferente…

A Isso é uma realidade.

Existem dezenas de drags no Porto e sinto-me feliz, no meio dessas dezenas todas, e algumas mais velhas do que eu, por ter um sítio para trabalhar, para mostrar aquilo que faço.

E por vezes, muitas drags não se lembram disto: montam-se para parecer bonitas e "ai sou drag"… Acho isso errado, deveríamos batalhar para que existisse uma coerência, união, entre todas nós—sem confusões, discussões, falar mal umas das outras.

Às vezes, com os negócios, estabelecimentos, é natural que surja fricção, "invejas"…

A Mas não há necessidade para isso. Nós, as residentes cá da casa, damo-nos todas minimamente bem, não há confusão. Respeitamo-nos, respeitamos o espaço de cada um. Fazemos o nosso show, mandamos as nossas brincadeiras para o ar umas com as outras, em palco…

Isso faz parte (da cultura), as alfinetadas, o shade…

A Faz parte. Mas para mais do que isso não me chamem, não vou, não comento, fico no meu lugar. Rivalidade sempre houve, e continua a haver. Mas se eu tenho este trabalho todo a pintar-me, este momento em que relaxo, não vou logo a seguir estragar isso (risos).

Obrigado, não te prendo mais.

A Tá tudo? Vou então para cima acabar de me arranjar.



Mango Green

22/06/2023
[47m31s]

Vídeochamada, Instagram

Então, Mango, sei de antemão que não vives no Porto, mas que performas no Porto, no Bar of Soap mais concretamente…

M Sim, geralmente, no último ano, é o sítio onde eu tenho feito mais performances… Aqui em Braga [onde mora] ainda faço, mas uma cena mais pontual. É no Bar of Soap onde tenho estado, praticamente, a cada duas semanas. Agora não, no verão, porque estou "de férias" de drag… Tirei férias desde a Pride de Braga, porque é muito calor, muita quentura, e não combina lá muito bem com drag. Prefiro parar agora e voltar em setembro/outubro para as performances.

Ok, muito bem. Em que período da tua vida surge o drag, a Mango? E cá, no Brasil?

M A Mango nasceu em Portugal. É uma drag portuguesa, bracarense *(risos)*, durante a pandemia. Eu sempre admirei as drags, desde muito jovem, sempre estive presente desse universo como um espetador, um grande admirador—da cena drag, especialmente, da minha cidade, Belém, que é bastante diferente do que a gente espera de drag, de uma forma mais geral. E sempre gostei muito dos *reality*, de *Drag Race*, que trouxe a cena drag para uma coisa mais *mainstream*. Quando me mudei para Braga, há quatros anos, eu frequentava muito um bar chamado Barhaus, que era o centro de encontro *queer* da cidade—não era propriamente queer, era um bar *friendly*, alternativo, com todo o tipo de gente e todo o tipo de festa, mas também tinha muitas festas LGBTQIA+, ou festas GLS, como eu e as minhas amigas antigas gostávamos de falar, em 2002/03 (risos).

GLS?

M Gays, Lésbicas e Simpatizantes. Mas então, eu ia ao Barhaus para essas festas, e tínhamos, temos, uma drag aqui em Braga—que é de Braga—o Luís, a Doll Maron, incrível, sensacional, que foi o meu primeiro contacto com drags, fora do Brasil, diretamente. Em 2020 temos toda aquela situação com o covid, em 2021 mudei-me para a minha atual casa e, com a segunda vaga da pandemia no início do ano, como já trabalhava em home office, passava dias e dias dentro de casa. Eu precisava de encontrar alguma coisa para fazer no meu tempo livre e, muito naturalmente, surgiu treinar/fazer maquilhagem—e não era para fazer drag. Pensei: vou tentar fazer algumas coisas com isto, fui na loja dos chineses, comprei umas sombras, umas bases de 1 e 2 euros…

O kit básico…

M O *one o one* de *make-up artist (risos)*. Levei para casa e quando acabava o trabalho, todo o tempo livre que eu tinha, eu sentava e começava: fazia um olho, via um vídeo, via fotos, comecei primeiro fazendo só olhos… Na semana seguinte já tentei fazer pele, seguia tutoriais, perdia às vezes 5 horas do dia fazendo aquelas técnicas todas.

Fui comprando mais coisas, me interessando mais, algum tempo passou, até um ponto em que eu já estava determinado em fazer make drag, em cobrir sobrancelha. Depois, fui para o *Ali Express* e falei "vou comprar perucas", e comprei duas perucas, comprei um *corset*, uns sapatos *stiletto*—quando chegou tudo, sentei com um amigo, e a gente começou se maquilhando juntos. Daí já estava meio na minha cabeça montar uma drag—não pensava em performar, sair—, só queria *put together* uma coisa em que eu olhasse e me sentisse 100% confortável. Até que na Pride de Braga, em julho, vi a oportunidade de "pronto, essa drag vai ter que nascer nesse evento", nada mais justo que isso: fiz a própria roupa do 0, usei corset, meias, fiz *pads*, todo o processo.

Para nascer naquele dia.

M E nasceu.

A situação foi maravilhosa porque eu era a única drag da parada toda, eu cheguei e as pessoas assim "*wow*", e é engraçado como a reação das pessoas me deu mais vontade de continuar fazendo.

E passei o resto de 2021 fazendo aparições, montada, comprando roupa, melhorando a maquilhagem—e a receção incentivava-me mais. No início de 2022, um amigo meu, que tem uma produtora (com quem eu trabalho aqui em Braga), perguntou-me se eu queria fazer a minha performance, paga, no Barhaus…Eu pensei "ok, isso agora vai ser um outro nível": montei toda uma performance, comprei a minha primeira lace, gastei mais do que de facto recebi (risos)...

Bons investimentos…

M Performei três músicas, foram quatros looks no mesmo dia, e foi assim… Foi o que eu não faço hoje em dia (risos), too much work, Financeiramente às vezes não compensa, dependendo muito do evento, e quatro *looks* é muita coisa.. Se pagar bem eu vou e faço, ainda assim, é muito cansativo. E a proposto do Lucas [amigo produtor] não era só fazer drag, performar, eu ia para a festa como uma hostess: eu estava com as pessoas, conversava, fazia vídeos para o instagram fazendo entrevistas e brincadeiras. Mas a partir daí comecei a performar cada vez mais, e isto engajou muito o meu instagram, que eu criei entretanto, e fez com que as pessoas de Braga me conhecessem, e foi incrível. 2022 foi ano em que a minha drag foi crescendo muito, sabe? Eu mal tinha "nascido" e já estava tendo filhas drag *(risos)*, colocando amigos meus em drag…

Já reparei nas redes que "Mother Mango" é uma realidade. E é interessante: o teu trajeto drag é bastante rápido, mas ao mesmo tempo "despertou", num conjunto de pessoas à tua volta/no teu círculo, uma grande vontade de experimentar, ou até de começar mesmo—e foram até ti para ter alguma guidance. Enquanto tu, pelo que percebi, não tiveste propriamente essa guidance de ninguém (?)…

M A Mango, sei lá, ela mesma se fez, se pariu *(risos)*, porque não tive ajuda de nenhuma outra drag. Você ter de aprender as coisas sozinho, dependendo de internet—tem muito tutorial e tal—, é muito diferente do contacto com alguém que já faz aquilo, e te fala dicas e técnicas, te ajuda. Eu aprendi errando, "ok, da próxima eu faço melhor", e é assim até hoje, porque sinto que cada performance que eu faço é um pouco melhor do que a anterior. Eu tenho, hoje, três filhas drag: o meu namorado, mas ele não performa, fez duas aparições, portanto ele é minha drag *daughter-wife (risos)*; mas filhas mesmo que performam, trabalham, e querem levar isso para a frente, é a Valerie The Monster e a Flora Wild. A Valerie foi a primeira, é um grande amigo meu, aqui de Braga, que sempre quis e estava sempre presente nas minhas performances—e foi a primeira vez que eu montei alguém de facto, porque eu sei fazer a minha maquilhagem…

Fazer noutra pessoa é muito diferente, é outra tela.

M Exatamente. Eu tentei reproduzir o que fazia na minha cara, na cara dela, quando chegamos havia pessoas "Calma, Mango?" (risos)… Ela estava tão animada que ela chegou lá no dj e falou "bota essa música aí, que eu vou fazer lip sync", e hoje a gente faz festas juntas, ela também já se apresentou sozinha – ela teve um tempo morando fora, voltou agora, estamo-nos organizando para fazer coisas acontecer depois do verão.

Quando o frio voltar…

M Eu costumo dizer, o Dia das Bruxas é quando eu renasço.

Há aquela ideia de que a maioria das queens nasce no Pride ou no Halloween…

M Eu nasci na Pride, morro logo de seguida, e renasço em outubro (risos).

Diz-me: o Barhaus já não está aberto, certo?

M Fechou. O último evento foi no Ano Novo, conseguiram segurar até ao final do ano. Agora, enquanto é verão, a Disque.PT [produtora] está a conseguir fazer festas nos bares dos rios, eu não participo porque não faço drag nesta altura. Mas no Inverno, quando voltarmos em setembro, eu acho que a gente tem o quê? Um espaço (?), assim, friendly, onde dá para fazer drag, mas algo pontual, de longe a longe. Há um bar também na zona da Universidade, que dá, mas de forma muito diferente do Barhaus. Tem sítio, mas eu sei que não será com a frequência que tinha antes – por isso é que me segurei um pouco na Bar of Soap, a April já sabe que a partir de outubro preciso de estar booked duas vezes por mês. Porque aqui em Braga temos uma carência de espaços queer, de espaços seguros para ter este tipo de festa, porque público tem, é um facto.

Essa questão da ausência de uma programação queer, existindo um público, é muito intrigante..

E é por isso que muita gente acaba por migrar para outras cidades, descer para o Porto, para conseguir participar de eventos mais queer, em espaços que abracem a comunidade. Braga é uma cidade muito conservadora,

M **religiosa, e, em termos de tamanho, ao nível da proporção, é a cidade portuguesa com mais brasileiros**—no último Censos, 11% da população da cidade é brasileira, é muita gente.

Existe, também, uma resistência com esta comunidade, com o tipo de música que a gente ouve, como nós nos portamos numa festa…

A Disque, a produtora com que eu trabalho, tem feito muita coisa na cidade, e muitas vezes tenta bater de frente com esses grandes tabus, e mostrar que temos o direito de nos divertir como qualquer outra pessoa.

Sente-se essa resistência preconceituosa…

M Ano passado, no São João e na Noite Branca, que são duas festas muito grandes aqui em Braga, o dj e dono desta produtora [Lucas Freitas], teve uma resistência muito grande, por parte da câmara, para tocar nos "palcos oficiais" do município. Ele toca muito funk, muito pop, e só conseguiu porque aquelas cooperativas,

daquelas barracas que vendem cerveja, montaram um palco para ele tocar, e foi um sucesso. Esse ano, ele inscreveu-se, houve resistência—a gente foi nas páginas, fizemos post – mas conseguiu: tocou nos dois finais-de-semana de festa no S. João. Saiu no anúncio oficial da Noite Branca, vai estar lá. E está a tentar, nessa data, organizar a segunda edição da VHS em Portugal, aqui em Braga, o que é muito bacana porque ele sempre traz a House of Chaos para estes eventos – eu e as minhas filhas –, arrasta a gente para lá e ganhamos visibilidade.

A diversão, nestes eventos de festa na cidade, não deveria ser heteronormativa, nem exclusivamente para os "naturais" de Braga...

Exatamente, tem de ter pluralidade, de todos e para todos. Teve também o Festival Política, itinerante por Portugal, e na passagem por Braga, ele [Lucas Freitas] tocou e nos chamou para fazer performance. Sou muito grato à Disque...

Falando em política. Provavelmente estou a regressar a um tema sobre o qual já tiveste de falar bastante, mas de facto houve bastante reverberação, sobretudo por causa daquele vídeo em que estás a performar de um lado da rua, e do outro lado estão apoiantes do Bolsonaro. Como é que aconteceu, nas últimas eleições presidenciais no Brasil, em 2022, ires em drag para o local onde decorria a votação [o Instituto Politécnico do Porto] para se decidir o futuro político do Brasil?

Partiu também da Disque, de um evento que organizamos para juntar pessoas, o "Comboião da Democracia". Fomos juntos (porque precisamos de votar no Porto), no comboio, uma multidão, e eu fui full drag (risos), passei o meu cartão, e fui. Entrevistamos pessoas no comboio, todo o percurso foi incrível. Chegamos lá, a receção das pessoas foi fora da realidade... Eu sorri tanto que o meu rosto doía, eu nunca tirei tanta foto, eu ganhei uns cento e cinquenta novos seguidores, fui entrevistada por jornais, rádio, televisão.

E a ideia era essa: movimentar, fazer um protesto diferente, para também mostrar que a cena drag não é só lip sync, a noite, uma festa. Não é só isso, não é só isso que eu faço:

a gente já fez aqui, em Braga, mesas redondas, com discussão, com grupos queer, onde sentámos e conversamos—fizemos isso com uma convidada, uma drag, que fala sobre política no Brasil, a Dimitra [Vulcana]; fizemos uma palestra, num auditório da Universidade do Minho, sobre a experiência de queens e kings [com a presença do coletivo Kings Of Kitéria] em Portugal; o festival Política… Esse vídeo circulou em várias cidades do Brasil, e é bom porque tira a drag somente do "espaço de festa", e mostrar que ela se pode inserir em qualquer espaço: na Universidade, na Câmara Municipal… Enfim,

a gente pode estar presente em toda a parte, como ato político, como um movimento de intervenção. Se drag causa um desconforto nas pessoas, então é o que a gente precisa de causar nas pessoas—

para causar reflexão e trazer um pouco mais de educação, no sentido de tirar as pessoas da ignorância. Para perceberem de facto o que é ser uma drag queen… Que é muita coisa, não é só, como muita gente acha, cabaret, não.

Não precisa de ser só isso. E, na onda do que estás a dizer, acho que é sempre uma forma de ativismo. Mais perguntas… Então, há pouco falaste um pouco de investimentos, o que compensa ou não financeiramente:



17



drag não é um fulltime job, nem barato propriamente (?)…

M É praticamente impossível, em Portugal (noutros países é mais fácil)… Para eu conseguir o que eu recebo no meu dayjob, sei lá, eu teria que fazer uns oito show por semana, impossível. E o tempo que exige, não é só chegar e fazer o show ali na hora, é todo o trabalho que vem antes. E roupa é caro, cabelo é caro, maquilhagem é caro. Eu não posso ir na Zara e comprar um sapato, não cabe no meu pé… Tem todo um outro mercado para se explorar.

E sobre as referências que exploraste no início da Mango, ou mesmo agora… Musicais, de performance, fala-me das tuas inspirações, das tuas divas…

M Eu não tenho uma diva que me inspire, que seja o meu role model. Existem, sim, um grupo de cantoras que fizeram parte da minha adolescência, do meu crescimento: Rihanna, Lady Gaga, Beyoncé, Katy Perry, Kesha, Pink, Avril Lavigne, são as pessoas que eu vi a performar, então, a minha ideia de performance pop, em show ou o que for, vem dali. Claro que, hoje em dia, uma pessoa procura outras referências, em outras drags também. Mas sim, elas foram a minha base – comecei performando músicas delas porque me eram mais familiares, fizeram-me sentir mais à vontade para me soltar. Agora, que estou mais tranquilo, de boa, no palco, geralmente o que acontece é: há um tema, e eu já penso um look dentro daquela temática, dentro do lip sync que eu vou fazer, se existe uma troca de roupa, muita coisa…

Mas o tema orienta…

M Claro. Existem umas três, quatro, músicas que eu já performei mais, e inclusive repeti, bem animadas. Se eu vou para um lugar novo, eu sei que posso recorrer a essas músicas porque vai ser legal, eu vou entregar (risos)…

Que são sucesso garantido.

M Isso.

Então, para terminar, algo meio previsível, mas que tenho sempre curiosidade em perguntar: “Mango Green”, o nome, surgiu como?

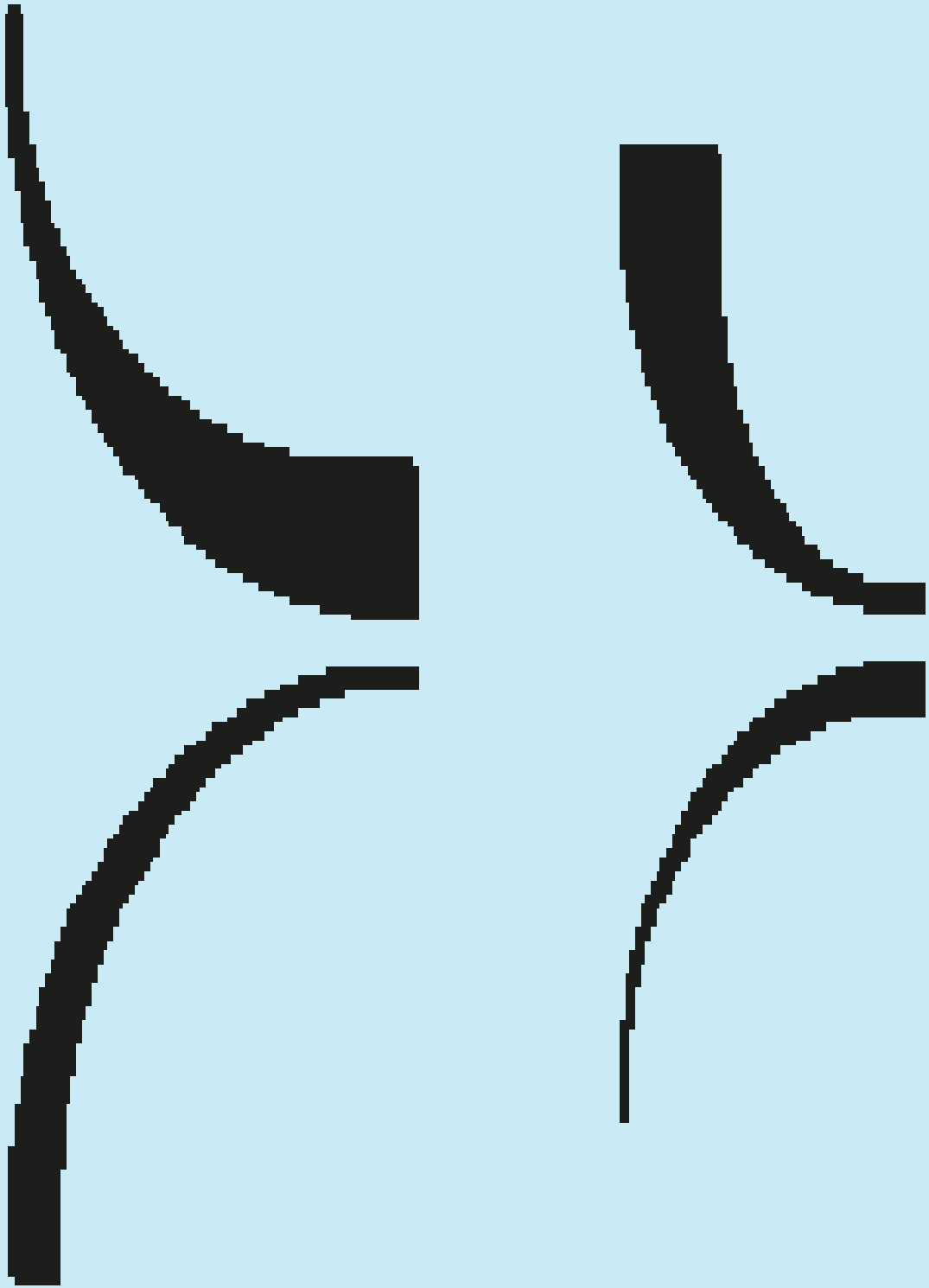
M Eu queria que a minha drag tivesse raízes no Brasil, apesar de ela ter nascido aqui. Eu não sou aquela drag anos 40, bem polished, girly. Eu sou uma drag bem cheia de curvas, a Mango ela é popular, vem e vai para o povo. Ela é fresca e bem garota, aquela garota que vai na festa e arrasa, dança, beija todo o mundo. Eu queria trazer essa essência da minha região, para representar a mulher amazônica, a mulher forte, dona de si, que chega e comanda o rolê... Na escolha, tinha de ter alguma coisa a ver com isso. A minha cidade, Belém, é conhecida como cidade das mangueiras, por ter muitas. Nós amamos manga, todo o mundo come manga—mas existe uma forma específica de comer a manga: gostamos muito da comer ainda verde, com sal. Quando fui na exploração, no brainstorm para um nome, eu falei: “ai mais Green Mango não é legal, e se eu mudar? Mango Green? Pequeno, fácil de lembrar, tem uma pegada legal, tem as cores da manga, as cores da Mango são o verde e rosa…”, e então saiu, ficou. As pessoas adoraram, ficou Mango, Mango, Mango para sempre (risos).

A drag nasce aqui, mas a alma é do Brasil, da mulher brasileira.

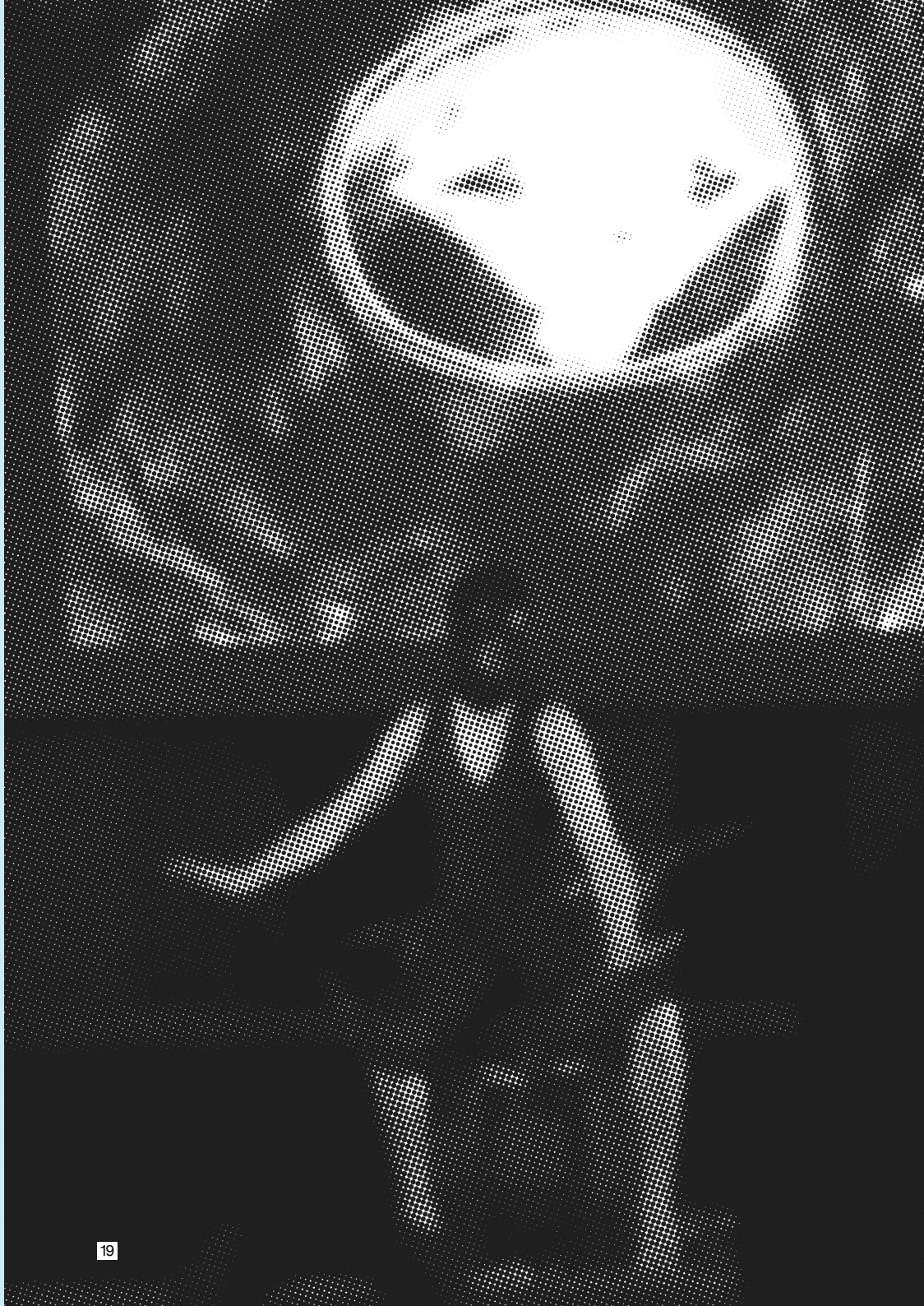
M Sim, é uma homenagem clara, descarada. Não tem como.

Obrigado, Mango.

M Eu é que agradeço. Depois diz como é que ficou esse trabalho todo, quero muito ver também.







“Mãe?

Mãe,



estou na parte
de trás do carro,
no assento imediatamente
atrás do teu,

do teu lugar do morto,

do teu legado-vida.

O teu braço em torsão,

para a tua mão
chegar à minha.
Mão na mão.





Mão-mãe, que
ao pressentir que
eu estava quase a adormecer,

se largava.

Mas eu não deixava

(ainda não deixo).
E assim ficamos:

ela em desconforto,
para eu sentir conforto.

Para não
enjoar na viagem.

Para não
ter medo da estrada.



Para não

sentir

saudades



de casa,
do tal conforto.

Eu nasci *torto*.”

Texto da performance *Pun(c)to*, de Rui Resende



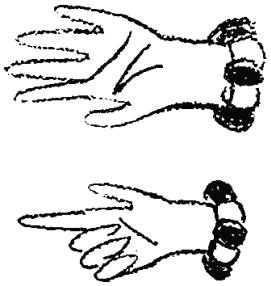
As yozes-portageiras,
divas da autoviação,
dizem-me que os troços
de traumas deste percurso
serão exorcizados
na chegada ao destino.

Eu acredito nelas.

Num automatismo ansioso,
faço *replay*
da sua sabedoria sonora;
faço das suas orientações
de autorreconhecimento,
os fabulosos freios
da minha vida.

Cada uma delas me indicou
concretamente
os passos a cumprir
para o *sucesso* da explosão final.

Cada uma delas,
em altares de *néon* revestidos
a matrículas personalizadas,
resgatou os movimentos
da minha alma;
calaram a dúvida;
introduziram- me
no *prazer* da desordem,
do som
e da fúria.

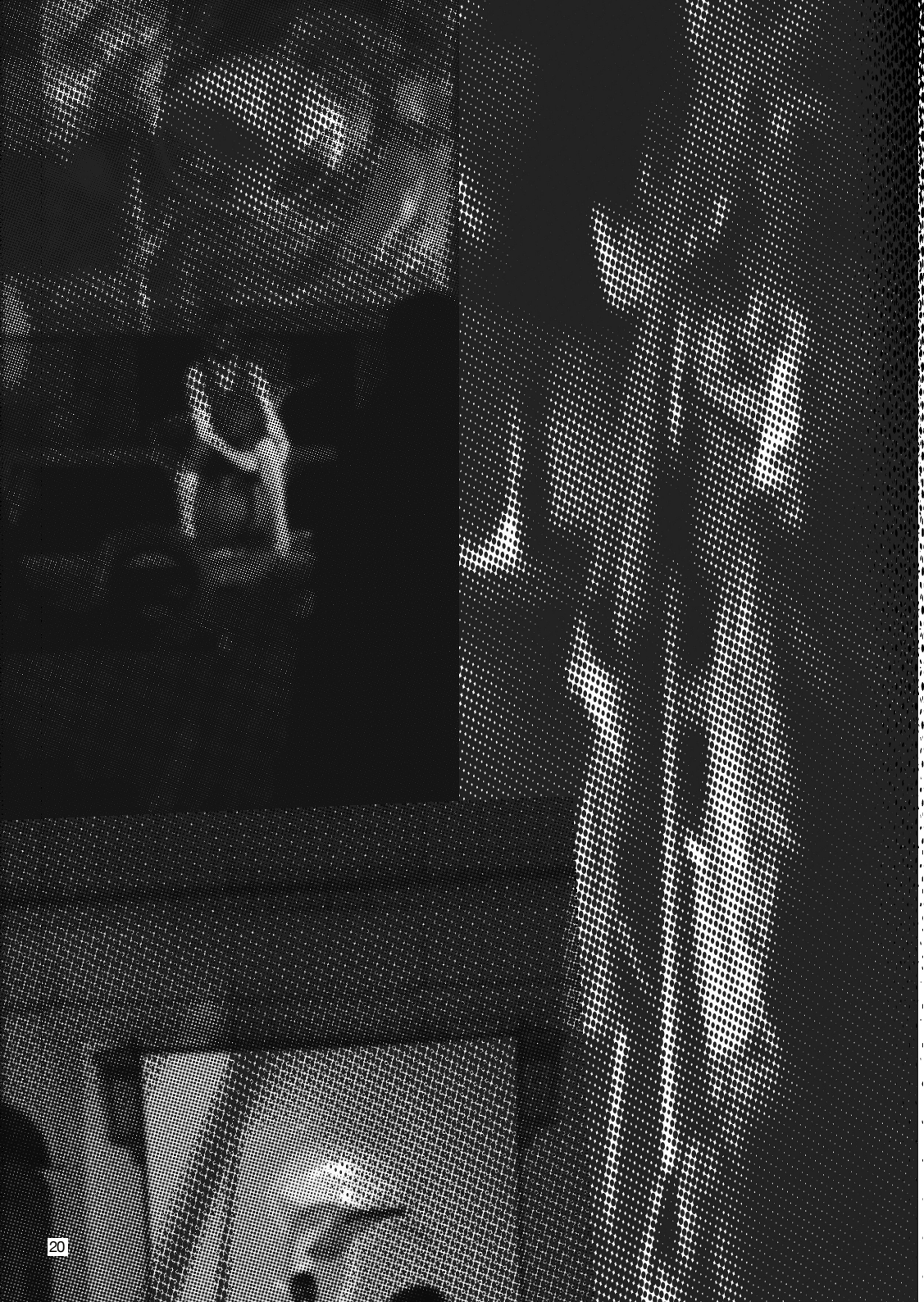


Elas cumpriram já
o seu papel de um *refúgio* individual
num mapeamento de dores,
de amortecedores à dispersão
de *memórias* que esta viagem
convoca em mim.

Sou *eu* que tenho de estar
no controlo desta narrativa.

Aquilo que elas cantam,
aquilo que elas celebram—
a sua superioridade face ao *másculo*
escarro-projétil
atirado janela fora—
é o meu exemplo,
o meu catalisador;

mas agora é comigo.



PUN(C)TO

24/07/2022
[Reitoria da Universidade do Porto]

A performance PUN(C)TO foi uma coprodução TUP—Teatro Universitário do Porto e Casa Comum, inserida no ciclo de performances da Reitoria da Universidade do Porto—*Despertar*, edição de 2022, no dia 24 de julho de 2022. Nela, parti de uma narrativa pessoal: das memórias (em família) das viagens de carro, num Fiat Punto, entre Porto-Algarve (de madrugada), que fiz na infância. Através da rádio—uma companhia durante os 550 km de estrada—descobri um conjunto de referências que continua, até hoje, a fazer parte da minha cultura musical. Cultura musical que se sedimentou, nesse período sobretudo, na voz de cantoras de todas as épocas e géneros musicais (com ênfase no pop e suas derivações, ainda assim).

Esta *inclinação* é frequente dentro da comunidade queer, comprovada pelos pósteres desses mesmos ícones espalhados nas paredes de muitos quartos adolescentes, nos autocolantes em cadernos escolares, no *replay* obsessivo de videoclipes com o intuito de aprender determinada coreografia. Quando a pergunta "porque é que pessoa x é um gay, ou queer, *icon*?" foi colocada na minha presença—quando já tinha uma consciência identitária queer—, senti ao mesmo tempo confusão, porque para mim (e tantas outras pessoas) era/é tão claro, e alguma inquietação. Percebi, mais tarde, que a origem desta última se

prendia com a ausência de uma resposta sólida, por se tratar mais de uma sensibilidade, de uma "energia", do que um conceito estanque ou um "atributo" padronizado. Procurei respostas concretas dentro da teorização queer, de forma a incluir esta problemática no processo de criação desta performance. Em "O ano de todas as datas" (in *Cinema e Cultura Queer*, 2014), António Fernando Cascais propõe uma hipótese para esta *inclinação*: "o não poder amar e não poder ser correspondido no amor, que as divas cantam e incarnam, é facto que por experiência própria conhecem os gays e lésbicas a quem a homofobia separa de si próprios e dos outros, quer sejam aqueles que amam, a sua família, a sua sociedade, ou o meio onde se inserem (…) A incompreensível coragem que aos olhos dos outros erguiam gays, lésbicas e transgénero contra tudo e contra todos, em épocas em que o opróbrio social parecia omnipresente e unânime, dissimulava uma orfandade carente de "Someone to watch over me" , mas em que a única saída possível era fazer das fraquezas forças. A possibilidade de um mundo diferente esteve durante muito tempo "Somewhere over the rainbow" (página 85). Esta "orfandade" mencionada por Cascais ecoou em mim e, nesse sentido, procurei que a performance se servisse de um texto que recuasse às origens dessa sensação: o texto nasce da necessidade de largar as memórias de viagem; de abandonar a minha perceção destes ícones como escapismo de uma expressão queer livre, pois, embora tenham tido um papel decisivo em momentos-chave de autorealização identitária (pela sua voz-vida, ativismo e excentricidade às vezes), preservá-la tão intensamente é manter viva a sensação de "orfandade". Isto não significa "apagar-lhes" a

inquestionável importância (um "agora deixo de ter ídolos!", ou um "não volto a ouvir Lady Gaga!"), é apenas sobre um redirecionar de foco na construção de um empoderamento que reside dentro de cada um nós ("minorias") e, pessoalmente, de uma auto-estima. É mudar, e tornar conscientes as implicações da masculinidade hegemónica, e heteronormatividade compulsória, da minha educação, dos meios em que cresci—e dos mecanismos sociais que utilizei para me esconder e preservar.

As opções cénicas passaram por tentar introduzir no Pátio da Reitoria da Universidade do Porto a ideia de estrada (com estações de serviço: "Madonna, *Hung Up —Área de Serviço da Mealhada, sentido Porto-Lisboa*" ou "Bonnie Tyler, *Total Eclipse of the Heart—Área de Serviço de Grândola, sentido Lisboa-Algarve*") e de autódromo. Este universo imagético do automobilismo, conseguido através da utilização de pneus, partes de carros, fita de marcação de pavimento, bidons de gasolina, e do desenho de luz e figurino, interessou-me por duas razões: tendo como base assuntos identitários, atraiu-me a possibilidade de subverter o imaginário do carro como um sinónimo do sucesso masculino, ou de "brinquedo" viril, isto é, introduzir um *punctum* (no sentido barthesiano) heteronormativo numa narrativa retrospetiva, biográfica, e fundamentalmente queer (que, textualmente, se passa dentro de um carro, de um Fiat Punto); e o potencial do trocadilho—já utilizado pelo *reality show*, fenómeno mundial, *RuPaul's Drag Race*—entre o *drag racing* (uma categoria dentro do desporto motorizado) e a performance drag. Partindo deste diálogo decidi que o texto da performance estaria presente



21

através de um *lip sync*, pontuado por músicas de um "repositório de divas" pessoal, formado durante o período da minha infância/pré-adolescência já referido—num *mashup* com a minha voz falada, músicas, ruídos de automóveis, interferências de radiofrequência, discursos dos Óscares (inspirado, em grande medida, pelos *mashups* da performer drag Lypsinka, personagem do ator John Epperson). O *lip sync* surgiu como melhor *outlet* para expressar a narrativa de cisão com uma hipermasculinidade castradora, por ser comumente associado (e esperado de) ao "*skill set*" da performance drag.

Com *Pun(c)to*, numa espécie de *debut* drag, procurei um lugar de libertação para a minha criança queer—destacando exatamente o papel do drag nesse processo interno—, e ao mesmo tempo, o reconhecimento de uma feminilidade aliada, *fag hag*, *maricas*, *camp*, que emancipou muites de nós através da música, da arte. No meu caso, funcionaram como "Grandes Mães" guias de uma estrada, de sentido único, para uma aceitação plena da minha identidade queer—por fim: sem a minha própria mãe, a mão-mãe que agarrei durante este caminho, não existiria esta performance.

Imagem 1 pág. 11

Printscreen da atuação de "Desfolhada Portuguesa" por Simone de Oliveira, em 1969, na Eurovisão. Eurovision Portugal. *Eurovision Portugal 1969 – Simone de Oliveira – Desfolhada Portuguesa*. Youtube, 21/01/2010.

Imagem 2 pág. 13

Tina Turner numa atuação ao vivo em 1987 [Fotografia]. The Guardian.

Imagem 3 pág. 14

Família em torno de um jogo de tabuleiro [Fotografia]. Holy Crap It's Late.

Imagem 4 pág. 17

Maria Callas no palco do Carnegie Hall em Nova Iorque [Fotografia]. Vogue México y Latinoamérica.

Imagem 5 pág. 17

Partygoers numa Groove Ball nos Maus Hábitos em 2018 [Fotografia]. Maus Hábitos.

Imagem 6 pág. 18

Costello, F. (1976). *Donna Summer* [Fotografia]. Tumblr.

Imagem 7 pág. 21

Printscreen da performance *PUN(C)TO*, de Rui Resende, 2022, na Reitoria da Universidade do Porto. [@sun_inmymouth] [Arquivo dos stories]. Instagram.

Imagem 8 e 9 pág. 31 e 33

Printscreens de uma performance de Orlando The Drag King, em 2022, no Bar of Soap. Kings of Kitéria. [@kings_of_kiteria]. *@orlandothedragk* [Destaque dos stories]. Instagram.

Imagem 10 pág. 34 e 35

Composição fotográfica a partir de *printscreens* das performances de Orlando The Drag King e Pat PAT, perfomers do coletivo Kings of Kitéria [@kings_of_kiteria]. *@orlandothedragk @patpat_drag* [Destaque dos stories]. Instagram.

Imagem 11 pág. 41

Composição fotográfica a partir de *printscreens* do processo de maquilhagem de Roberta Kinsky. JornalismoPortoNet. *Reis do dia, rainhas da noite*. Youtube, 16/06/2017.

Imagem 12 pág. 42

Printscreen de uma performance de Roberta Kinsky, em 2009, no Boys'R'Us. fernandopausini. *Roberta Boy'R'Us Porto/Portugal 01/08/09*. Youtube, 03/08/2009.

Imagem 13 e 14 pág. 42 e 45

Printscreen de uma performance de Roberta Kinsky, em 2009, no Boys'R'Us. Elder Solarian. *04 – Cascada – Evacuate the Dancefloor by Roberta Kinsky @ Boys 'R' Us*. Youtube, 27/08/2009.

Imagem 15 e 16 pág. 49 e 50

Printscreens do processo de maquilhagem de Allan Lynn, em 2023, no Pride Bar. Lynn, A. [@allan_lynn_]. (2023, 16 de fevereiro]. [Reels]. Instagram.

Imagem 17 pág. 57

Printscreen de uma performance de Mango Green, em 2023, na *afterparty* da XI Marcha LGBTQIAP+ de Braga. Disque.pt [@disque.pt]. (2023, 7 de junho]. [Vídeo]. Instagram.

Imagem 18 pág. 58

Printscreen da presença de Mango Green, em 2023, na XI Marcha LGBTQIAP+ de Braga. [@disque.pt]. *Marcha LGBT 23* [Destaque dos stories]. Instagram.

Imagem 19, 20 e 21 pág. 63, 68 e 72

Printscreen e composições fotográficas da performance *PUN(C)TO*, de Rui Resende, 2022, na Reitoria da Universidade do Porto. [@sun_inmymouth] [Arquivo dos stories]. Instagram.

De Degrau em Degrau

Autor
Rui Resende

Conversas com
Allan Lynn
Mango Green
Orlando The Drag King
Roberta Kinsky

Ilustrações
Lince Rebelo

Design Editorial
Teresa Zagalo

2023